

VANESSA ALEXANDRA GUERREIRO RIBEIRO

**ESTILOS DE VINCULAÇÃO E NÍVEIS DE
PENSAMENTO CRIATIVO NA IDADE ADULTA**

Orientadora: Cristina Camilo

Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2015

VANESSA ALEXANDRA GUERREIRO RIBEIRO

**ESTILOS DE VINCULAÇÃO E NÍVEIS DE
PENSAMENTO CRIATIVO NA IDADE ADULTA**

Dissertação apresentada para a obtenção de grau de Mestre em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapias, no Curso de Mestrado em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapias, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Orientadora: Professora Doutora Cristina Camilo

Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2015

Epígrafe

*A mente que se abre a uma nova ideia
jamais volta ao seu tamanho original*

Albert Einstein

*Mentes criativas sempre sabem sobreviver
a qualquer tipo de mau treinamento*

Anna Freud

À minha mãe, ao meu pai e ao meu irmão

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha mãe, ao meu pai e ao meu irmão por acreditarem nas minhas capacidades e apoiar-me em cada momento desta longa caminhada, que sem as suas ajudas teria sido impossível de ser concretizada. Obrigada por serem o meu porto seguro.

À minha orientadora, Professora Doutora Cristina Camilo pelo apoio, dedicação, disponibilidade e por ter acreditado em mim tornando este trabalho possível.

Agradeço também às Professoras Sara Ibérico Nogueira e Fernanda Salvaterra pelo apoio prestado no início da caminhada do meu trabalho.

À minha madrinha Elsa, à minha avó Rosa e aos meus tios “emprestados”, Fernanda e Luís Mira, à minha prima Tânia; à minha família de modo geral, muito obrigada pelo amor e carinho.

Agradeço à minha colega Hélia Alves pelo carinho, companheirismo, amizade, apoio e paciência, durante a realização deste trabalho.

Gostaria de agradecer também aos meus amigos e amigas, Patrícia Duarte, Catarina Matos, Alexandra Marques, Luís Dias e Nelson Gomes. Sem a vossa amizade, apoio, carinho e compreensão essa caminhada teria sido ainda mais difícil. Obrigada por torcerem por mim e permitirem-me partilhar convosco as alegrias e tristezas de cada etapa desta conquista.

A cada uma das pessoas e instituições que me apoiaram nesta tarefa gostaria de conseguir transmitir a minha imensa gratidão, principalmente à minha amiga Romana Lisboa, pela preocupação e apoio constante.

Por último, não menos importante, muito obrigada ao meu namorado, Rui Francisco, pelo amor, compreensão e apoio que depositou em mim, não me deixando desistir deste objetivo.

Muito Obrigada.

Resumo

A presente investigação procurou compreender, de forma inovadora, através de um estudo de carácter exploratório, qual a relação existente entre os vários estilos de vinculação e os níveis de pensamento criativo em sujeitos adultos. Neste sentido pretendemos perceber se a vinculação é determinante para o desenvolvimento das características individuais que estão na base da criatividade. Como ponto de partida, acreditámos que uma vinculação segura estivesse relacionada com uma maior exploração do meio e consequentemente com níveis mais elevados de criatividade. Para o estudo foram utilizados como instrumentos de avaliação, o teste figurativo *Test for Creative Thinking- Drawing Production* (TCT-DP), de forma a avaliar a criatividade; e a *Escala de Vinculação no Adulto* (EVA) para avaliar a vinculação. Participaram no estudo, uma amostra constituída por 151 indivíduos, onde 133 participantes eram do sexo masculino (88.08%) e 18 do sexo feminino (11.92%), com idades compreendidas entre 18 e os 61 anos, com uma média de idades de 43.43 anos e desvio padrão de 9.28. A análise estatística realizou-se através de uma regressão linear simples entre as dimensões da EVA e os critérios do TCT, sendo que os resultados se mostraram inconclusivos relativamente ao objetivo em estudo, revelando não haver diferenças significativas na relação entre a vinculação e a criatividade. No entanto sublinha-se o valor da regressão entre a dimensão confiança nos outros e o critério quebra do limite dependente, que se apresentou como tendencialmente significativo.

Palavras-chave: Vinculação; Criatividade; TCT-DP; EVA; Exploração do meio

Abstract

This research aimed at understanding, in an innovative way, through an exploratory study, the relationship between the different attachment styles and creative thinking in adult subjects. Regarding this we want to see if the attachment is crucial to the development of individual characteristics that are the basis for creativity. As a starting point, we believe that a secure attachment was associated with a major exploration of the environment and hence to higher levels of creativity. The following measures were used: the figurative test Test for Creative Thinking- Drawing Production (TCT-DP) in order to assess creativity; and the Adult Attachment Scale (AAS) for measuring the attachment. Participated in the study, a sample of 151 individuals, where 133 participants were male (88.08%) and 18 females (11.92%), aged between 18 and 61 years, with an average age of 43.43 years and a standard deviation of 9.28. Statistical analysis was performed using simple linear regressions between the dimensions of AAS and TCT criteria, and the results were inconclusive regarding our aim, revealing no significant differences in the relationship between attachment and creativity. However, it is noteworthy that the value of the regression between the confident attachment style and the limit break criterion, which is trendy.

Keywords: Attachment; Creativity; TCT-DP; EVA; Exploration of the environment

Listas de Abreviaturas

APA	American Psychological Association
Bfd	Quebra do limite dependente do fragmento
Bfi	Quebra do limite independente do fragmento
Cl	Ligações feitas com linhas
Cm	Completações
Cn	Continuações
DP	Desvio Padrão
EVA	Escala de Vinculação no Adulto
Hu	Humor
M	Média
Ne	Novos elementos
p	Nível de Significância
Pe	Perspectiva
Sp	Velocidade
SPSS	Statistical Package for Social Sciences
t	Valor do teste T-student
TCT-DP	Test for Creative Thinking – Drawing Production
Uca	Não convencional A
Ucb	Não convencional B
Ucc	Não convencional C
Ucd	Não convencional D
%	Porcentagem

Índice Geral

Introdução.....	12
Parte I – Enquadramento Teórico.....	14
Capítulo 1 – Vinculação.....	15
1.1. Perspetiva Histórica.....	16
1.2. Conceitos Principais da Teoria da Vinculação.....	17
1.3. A etologia e a vinculação.....	18
1.4. Teoria da Vinculação segundo Bowlby.....	20
1.4.1. Desenvolvimento da Vinculação de acordo com Bowlby.....	22
1.5. Teoria da Vinculação segundo Mary Ainsworth.....	23
1.6. A Vinculação na Idade Adulta.....	25
1.6.1. Diferenças entre a vinculação durante a idade adulta e vinculação Durante a infância.....	27
Capítulo 2 – Criatividade.....	29
2.1. Definição de Criatividade.....	30
2.2. Abordagens Psicológicas da Criatividade.....	32
2.3. Concepções Teóricas da Criatividade.....	33
2.3.1. Teoria do Investimento em Criatividade de Sternberg.....	33
2.3.2. Abordagem sistémica de Csikszentmihalyi.....	35
2.3.3. Modelo Componencial de Amabile.....	36
2.3.4. Modelo dos 4 P's.....	38
2.4. Avaliação da Criatividade.....	38
Capítulo 3 – A difícil relação entre Vinculação e Criatividade.....	41
3.1. Vinculação e Criatividade.....	42

Parte II – Estudo Empirico.....	45
Capítulo 4 – Método.....	46
4.1. Participantes.....	47
4.2. Instrumentos e Medidas.....	48
4.2.1. Consentimento Informado.....	48
4.2.2. Questionário Sóciodemográfico.....	48
4.2.3. Escala de Vinculação no Adulto.....	49
4.2.4. Test for Creative Thinking- Drawing Production.....	50
4.3. Procedimento.....	52
Capítulo 5 – Resultados.....	54
5.1. Tratamento Estatístico – Regressão Linear entre Variáveis.....	55
Capítulo 6 – Discussão.....	59
6.1. Discussão de Resultados.....	60
Conclusão.....	63
Bibliografia.....	64
Apêndices.....	I
Apêndice I- Pedido de autorização do Centro Social e Paroquial do Campo Grande.....	II
Apêndice II- Pedido de autorização da Associação de Pais e Amigos de Deficientes Profundos.....	III
Apêndice III- Pedido de autorização ao Gabinete de Maquinistas da Linha de Cascais (Estação de Cais do Sodré).....	IV
Apêndice IV- Consentimento.....	V
Apêndice V- Questionário Sócio-demográfico.....	VI
Anexos.....	VII

Anexo I - Escala de Vinculação no Adulto (EVA).....	VIII
Anexo II - Test for Creative Thinking- Drawing (TCT-DP).....	IX

Índice de Tabelas

Tabela 1. Características Sociodemográficas da Amostra	47
Tabela 2. Coeficientes de regressão estandardizados e não estandardizados para a regressão das dimensões da EVA em função dos critérios 1, 2, 3, 4 e 5 do TCT-DP..98.....	55
Tabela 3. Coeficientes de regressão estandardizados e não estandardizados para a regressão das dimensões da EVA em função dos critérios 6 e 7 do TCT-DP	56
Tabela 4. Coeficientes de regressão estandardizados e não estandardizados para a regressão das dimensões da EVA em função dos critérios 8, 9 e 14 do TCT-DP.....	56
Tabela 5. Coeficientes de regressão estandardizados e não estandardizados para a regressão das dimensões da EVA em função dos critérios 10, 11, 12 e 13 do TCT-DP.....	57

Introdução

A vinculação humana é um dos processos mais básicos e mais determinantes sobre o futuro funcionamento psicológico dos indivíduos, definindo-se como a relação estabelecida entre o bebé e o seu prestador de cuidados, normalmente, a mãe. Tal como Bowlby (1958) refere, a vinculação do bebé à mãe está associada a diversos comportamentos característicos da espécie, independentes uns dos outros, que surgem em tempos diferentes durante o desenvolvimento, mas que estão orientados na relação que liga a criança à mãe. Chupar, agarrar, seguir, chorar e sorrir são cinco sistemas comportamentais que contribuem para a vinculação da criança à mãe no primeiro ano de vida.

No adulto a vinculação continua a ser um aspeto estruturante do funcionamento individual, que não só determina a forma como nos relacionamos com os outros, como também pode influenciar em outro tipo de variáveis. Neste sentido, teoria da vinculação, apesar de se centrar na relação da criança com as suas figuras de vinculação, funciona como o protótipo a partir do qual vão ser construídos conhecimentos e expectativas acerca do self, de outros significados e do mundo, que mais tarde vão orientar o funcionamento interpessoal e influenciar o estabelecimento de outras relações íntimas (Soares, 2009).

Uma vinculação segura desenvolve o sentimento de bem-estar, a proximidade, a competência social, o funcionamento mental eficaz e a resiliência (Ogawa, Sroufe, Weinfeld, Carlson, & Egeland, 1997). Estes fatores predizem uma maior exploração do meio, principalmente a resiliência, uma vez que um indivíduo com grande capacidade de resiliência, apresenta uma maior resistência face a condições adversas e esforça-se mais para encontrar soluções quando se depara com dificuldades. Neste tipo de vinculação são as trocas experimentadas entre o indivíduo e a figura de vinculação que possibilitam a construção de bases para uma imagem positiva, não só dos outros como de si próprio, e que permitem o aumento da capacidade de resiliência, uma vez que são vistas como gratificantes (Monteiro, 2009). Deste modo e apesar de não ter sido estudada a relação entre a criatividade e os estilos de vinculação, por motivos lógicos, estas duas variáveis devem estar associadas. Em particular a criatividade exige ao indivíduo que explore novas soluções face a um problema, deste modo, parece provável que a segurança com que esta exploração é feita seja determinada pelo estilo de vinculação.

Neste trabalho, e de forma inovadora, procuramos estabelecer a ponte entre estes dois conceitos psicológicos, através de um estudo de carácter exploratório. Para melhor

compreender as possíveis ligações entre a vinculação e a criatividade, organizámos este trabalho em três capítulos de revisão de literatura e três capítulos onde é apresentado o estudo empírico. O primeiro capítulo apresenta uma visão sobre a história e conceito da vinculação, seguido da abordagem das principais teorias da vinculação segundo os investigadores John Bowlby e Mary Ainsworth, terminando com uma abordagem da representação da vinculação na idade adulta. O segundo capítulo sobre o tema da criatividade, aborda o seu conceito, bem como as variações na definição do mesmo. Refere também os principais modelos teóricos da criatividade e a avaliação do construto da Criatividade. O terceiro e último capítulo, pretende fazer a ponte entre o tema da Criatividade e o tema da Vinculação.

A segunda parte do trabalho abrange os capítulos quarto, quinto e sexto. O quarto capítulo, o Método é onde se encontra descrita a caracterização da amostra, as medidas de avaliação utilizadas e o procedimento efetuado. No quinto capítulo é onde são apresentados os resultados obtidos através da análise estatística. Por fim, o capítulo 6 conta com a presença da discussão dos resultados segundo os modelos teóricos em que a investigação se baseou e de uma conclusão onde constam as considerações finais a que se chegou, bem como as principais limitações encontradas e as sugestões para investigações futuras nesta área.

Parte I

Enquadramento Teórico

Capítulo 1

Vinculação

Existem muitas evidências de que os seres humanos, de todas as idades, serão mais felizes e mais capazes de desenvolver seus talentos quando estiverem seguros de que, por trás deles, existe uma ou mais pessoas que virão em sua ajuda caso surjam dificuldades.

John Bowlby

Vinculação

1.1.Perspectiva Histórica

Após a Segunda Guerra Mundial, onde nem as mulheres e crianças foram poupadas, surge o interesse de perceber quais os efeitos que a perda e a separação precoce provocam no desenvolvimento da criança pequena. Ocorre então a preocupação de reparação desses efeitos, surgindo assim a teoria da vinculação. No entanto, vários foram os precursores que levantaram a questão do carácter primário da vinculação. Entre eles, e primeiramente, Himre Herman que, utilizando dados etológicos na compreensão do desenvolvimento afectivo nos primatas, defende a existência de uma “necessidade primária de agarrar” (Guedeney & Guedeney, 2004). Fairbairn, por sua vez, torna-se o primeiro psicanalista a propor o abandono da teoria das pulsões (teoria proposta por Freud que distinguiu dois tipos de pulsões – sexual e agressiva – que tinham por base o princípio da atração e repulsão), o que vem influenciar Bowlby nos seus estudos. Balint defende a teoria do apoio, sendo o autor do conceito de amor primário; e Anna Freud e Dorothy Burlingham descreveram os efeitos nefastos da separação prolongada nas crianças muito pequenas. É na altura da *Blitz* de Londres que Anna Freud comenta a necessidade primária da vinculação e a necessidade de a respeitar (Guedeney & Guedeney, 2004).

Muitos foram os precursores do estudo e interesse pela díade mãe-filho, no entanto, a teoria da vinculação encontra-se essencialmente caracterizada nos trabalhos dos autores John Bowlby e Mary Ainsworth, os quais revolucionaram a forma de olhar e de compreender a relação que se estabelece entre a mãe e a sua criança. John Bowlby, com base em conceitos da etologia, cibernética, processamento de informação, psicologia do desenvolvimento e psicanalista, formulou os princípios básicos da teoria, centrando-se nas consequências da privação, separação e perda da mãe. Por sua vez, Mary Ainsworth, procurou analisar os efeitos da presença de uma figura de apego como uma “base segura”, que contribuía para a exploração do mundo (Bretherton, 1992).

1.2. Conceitos Principais da Teoria da Vinculação

As relações afetivas no desenvolvimento humano, desde o nascimento até à morte, estão no centro da teoria da vinculação. Neste sentido, a primeira relação que o bebé estabelece como o seu prestador de cuidados (normalmente a mãe) é designada por vinculação e caracteriza-se como uma relação emocional próxima entre duas pessoas, que tem por base comportamentos de afecto mútuo e pelo desejo de manter proximidade (Salvaterra, 2011).

O termo vinculação foi introduzido em 1958, por John Bowlby, autor que teve um papel fulcral na compreensão dos vínculos afetivos entre pais e filhos. Por vinculação, Bowlby entende a tendência dos seres humanos para estabelecer fortes vínculos com outros seres humanos. Entende também a vinculação como o conceito que pretende explicar as múltiplas formas de consternação emocional e perturbação da personalidade originadas pela separação e perda voluntárias (Bowlby, 1990a). Na linha da teoria de Bowlby, Mary Ainsworth sublinha que o caracteriza vinculação é o modo como o sistema comportamental promove o contato com uma ou mais figuras específicas, com as quais o indivíduo se vinculou. (Canavarro, 1999; Soares, 1996)

Canavarro (2001) considera que a relação de vinculação se encontra na base da regulação de segurança, uma vez que existe a procura de proteção da parte da figura vinculada à figura de vinculação. Neste sentido, a figura de vinculação é reconhecida como a mais forte e mais capaz de se confrontar com o mundo, proporcionando segurança, conforto ou ajuda. a figura de vinculação, uma vez, que esta possui os atributos necessários que proporcionam

Bowlby defende que a vinculação é um sistema primário específico, com raízes biológicas e com uma predisposição, própria da espécie, para procurar a proximidade da figura de vinculação que garante a proteção da espécie em termos filogenéticos (Canavarro, 1999; Montagner, 1900). Contudo, enunciou que a vinculação do bebé à mãe é constituída por um certo número de “respostas instintivas” ou padrões de comportamentos, independentes uns dos outros, que aparecem em alturas diferentes do desenvolvimento humano, mas que se encontram associados à figura de vinculação, servindo de elo de ligação entre a criança e a figura à qual esta vinculada. Chupar, seguir, chorar, agarrar e sorrir, são exemplos de comportamentos que a criança tem no primeiro ano de vida para se ligar à figura de ligação, aos quais Bowlby deu o nome de comportamento de vinculação (Soares, 2009).

Deste modo, entende-se como comportamento de vinculação todos os sistemas comportamentais que são ativados e que se desenvolvem no bebé aquando da sua interação com o seu meio ambiente de adaptabilidade evolutiva e, principalmente, os que resultam da interação do bebé com a mãe. Com efeito, o comportamento de vinculação está incluído na classe do comportamento social, sendo considerado tão importante como o comportamento de acasalamento e do parental (Bowlby, 1990). Nesse sentido, os comportamentos de vinculação têm como função objetivar a proximidade ou o contato com a mãe ou com outra figura de apego, no sentido de obter segurança e apoio psicológico, sendo estas características básicas para a sobrevivência (Abreu, 2005; Montagner, 1900).

Com efeito, a teoria da vinculação foi estruturada sobre o conceito da existência de um sistema comportamental independente, que visa organizar os comportamentos de busca por proximidade e a manutenção de contato da criança com indivíduos específicos que lhe podem vir a fornecer segurança física ou psicológica. Esse sistema é designado por sistema de vinculação. (Abreu, 2005). Importa sublinhar que na concepção de Bowlby, o mundo interno da criança se desenvolve na construção dos modelos internos dinâmicos das figuras às quais estão vinculadas. São assim designados como representações mentais conscientes e inconscientes do mundo, originados a partir das experiências de aprendizagem, que surgem no nascimento e que se vão tornando mais cada vez mais complexas para que, deste modo, o sujeito perceba os acontecimentos e assim possa planear as suas ações (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978).

1.3. A etologia e a vinculação

A construção do modelo teórico da vinculação emerge do encontro de Bowlby com a Etologia. Os efeitos da privação de cuidados maternos relativamente ao desenvolvimento da personalidade levaram Bowlby (1979) a discutir se o modelo tradicional seria o mais adequado para dar resposta a esses fatos. Não satisfeito com a visão psicanalítica, de que o amor de mãe derivada gratificação oral, encontrou na etologia novos conceitos mais úteis. Em 1961, na publicação do artigo «L'etologie et l'evolution des relations objectales» Bowlby refere o impacto que as pesquisas de K. Lorenz, em 1935, tiveram sobre a sua visão etológica. Lorenz demonstrou nos seus estudo, que, em algumas espécies animais, se estabelecia vínculos afetivos com a figura maternal, sem ter de recorrer ao alimento como intermediário (Oliveira, 2000). Os estudos de Lorenz sobre o *imprinting* em gansos e outras aves precoces

sugeriram que a formação do vínculo social não precisa do alimento para se desenvolver. O fato de se observar os animais no seu ambiente natural favoreceu os métodos etológicos (Bretherton, 1992). Posto isto, Lorenz tinha então verificado que, em algumas espécies de aves, durante os primeiros anos de vida desenvolviam-se fortes vínculos com uma figura materna sem necessidade de recorrer à alimentação, uma vez que bastava a exposição do filhote à figura com a qual se familiarizou. Os dados empíricos sobre o desenvolvimento do laço de um bebé humano com a sua mãe foram defendidos em 1958, na publicação do artigo, *The Nature of The Child's Tie To is Mother*, onde Bowlby seguiu um modelo derivado da etologia (Bowlby, 1979).

O segundo grande estudo derivado da etologia animal aparece das pesquisas de Harlow e da sua equipa, que verificaram que os bebés macaco “rhesus” optavam pelo contato com a “mãe” artificial de pano que não lhes fornecia leite do que o contato com a “mãe” de arame lactante (1958, citado por Soares, 2009). Numa tentativa de perceber quais os efeitos da separação precoce nestes macacos, Harlow tenta separar 60 macacos “rhesus” da mãe, 6 a 12 horas após o nascimento, de forma a criá-los num ambiente isolado. Após colocar os bebés em jaulas, nota que os que foram deixados em jaulas nuas não sobrevivem. No entanto, os que têm mantas a cobrir o chão da jaula, agarram-se a elas. Verifica-se que estes últimos, vivem mais tempo, se se colocar um cone de arame na jaula, principalmente se o cone estiver coberto de pano. Após este estudo, Harlow, cativado com o vê e questionando o fenómeno do amor em que o bebé apenas se vincula à mãe porque ela o alimenta, realiza uma novo estudo. Nesta pesquisa, ele separou oito macacos “rhesus” pequenos e criou-os cada um em sua jaula, onde coloca duas “mães substitutas”. Uma era feita de madeira com esponja e coberta de algodão e tinha desenhada uma cara circular, com uns olhos grandes e possuía uma pequena lâmpada no interior que gerava calor. A outra “mãe substituta”, apesar de também ter uma cara, era feita apenas de arame. Observou que os bebés passavam a maior parte do tempo agarrados à “mãe substituta” de pano, verificando-se que este laço perdurava mesmo após separação. Na sequência de uma Situação Estranha, ou seja, quando os bebés “rhesus” eram colocados em salas com uma variedade de estímulos próprios que permitiam despertar o interesse dos macacos, notou-se que se agarravam à mãe substituta de forma a se acalmarem. Depois de algumas sessões, estes já conseguiam utilizar a mãe substituta de pano como base de exploração (Guedeney,& Guedeney, 2002).

Neste sentido Bowlby considera a existência de uma pulsão primária que estaria na base de uma dinâmica diferente da libido ou dos comportamentos de vinculação, fontes consideradas até aí como motivação do comportamento humano (Oliveira, 2000). As observações nos estudos dos macacos “rhesus” tornam evidente a enorme importância do conforto do contato no desenvolvimento das relações mais precoces (Soares, 2009). Sendo assim, estes dois estudos permitiram identificar que não é só o alimento que assegura o desenvolvimento da relação entre o bebê e a mãe mas que existiria “algo mais”. Sugeriram também que a continuidade dessa relação de prestação de cuidados parentais, seria importante e necessária para o bem estar psicológico do bebê (Soares, 2009). Deste modo, as descobertas feitas pela etologia devem ser aplicadas ao Homem no que diz respeito aos laços de vinculação, bem como os laços entre gerações (Guedeney & Guedeney, 2002).

Uma vez que os bebês humanos e os bebês macacos “rhesus” partilham de algumas características físicas, tendências comportamentais e emocionais, as quais estão fortemente ligadas a situações sociais específicas, Bowlby foi consistente com a opinião de que estes também compartilham as suas histórias evolutivas. Neste sentido, argumentou que as características presentes nos recém nascidos de cada espécie se devem às adaptações e às pressões seletivas que ocorrem ao longo da história evolutiva. Estas características comuns são vistas como benéficas para a sobrevivência do indivíduo e da espécie (Suomi, 1999)

1.4. Teoria da Vinculação segundo Bowlby

Durante muito tempo, a teoria psicanalítica encontrava-se na base da temática da Vinculação e defendia que os laços afetivos estabelecidos entre o bebê e a mãe derivavam da satisfação das necessidades alimentares (Soares, 2009)

A observação de que, para que a criança se desenvolvesse emocionalmente, necessitava de uma relação de cuidado segura e continua, levou Bowlby a reformular os conceitos da teoria que designou por “*impulso secundário*” (Bretherton, 1992). Desta forma, a proposta de que o interesse do bebê pela mãe resulta da satisfação oral e da descoberta do objeto que proporciona gratificação, neste caso o seio, seria questionada.

Bowlby quando criança teve uma vida marcada pela ausência de cuidados parentais, pelo que o seu comportamento social era caracterizado pelo retraimento emocional e o isolamento. Na sequência desta história de vida, aos 21 anos, quando vai trabalhar para um

internato, surge-lhe o interesse pelos efeitos da privação de cuidados parentais na infância. Aí assiste a casos de crianças e jovens em situações problemáticas, cujas complicações parecem estar relacionadas com situações adversas vividas na infância. Mais tarde defende o papel que os fatores ambientais desempenham no desenvolvimento nos primeiros anos de vida, principalmente o fato de poder ocorrer o crescimento de perturbações psicológicas em situações de separação da figura materna (Soares, 2009).

Em 1944, Bowlby lança um artigo intitulado *Forty-four Juveniles Thieves: Their characters and home life*, onde analisa 44 histórias clínicas de jovens que roubam, comparativamente com um outro grupo de jovens que não têm esse comportamento. É aqui que Bowlby introduz a expressão “psicopata vazio de afeto”. Apesar de não ser conclusivo, constatou que a separação prolongada da mãe ocorrida durante a infância caracterizava a vida dos jovens que integravam a categoria “psicopatas vazios de afeto”. Mais tarde no contexto do pós-guerra, Bowlby verificou que as crianças privadas de cuidados maternos tendiam a desenvolver os mesmos sintomas identificados no jovens “vazios de afeto”, assumindo assim, a importância do vínculo entre a criança e a figura materna em caso de separação. Neste âmbito Bowlby salienta que muitas das dificuldades na infância e na idade adulta, resultam de experiências afectivas vividas (Soares, 2009).

A teoria da vinculação de Bowlby nasceu em 1946, a partir da observação dos efeitos da separação em meio hospitalar. O projeto que iniciou com Robertson tinha o objetivo de compreender as respostas das crianças hospitalizadas quando separadas durante semanas das figuras parentais. A investigação foi feita a partir de filmagens dos efeitos da separação em crianças pequenas (18 meses a 4 anos), não só nos hospitais mas também em casa após o regresso. Foi possível identificar uma sequência de comportamentos manifestados pelas crianças a partir dos 6 meses em resposta à separação. (Soares, 2009) É Robertson quem descreve as três fases da evolução da separação prolongada na criança pequena, designadas por: protesto, desespero e desapego. A primeira fase – *protesto* – tem início após a separação, ou pode manifestar-se nas algumas horas ou dias que se seguem. Envolve comportamentos de grande perturbação (como o choro e a busca ativa) pela perda da figura materna e existe uma grande resistência em relação às figuras alternativas. Na segunda fase – *desespero* – pode constatar-se um estado de passividade e tristeza, embora a criança continue a manifestar preocupação pela ausência da mãe. Na terceira e última fase – *desapego* – parece haver umarecuperação do estado de apatia e a criança começa a aceitar algumas figuras que se

aproximem. No entanto, o mesmo não acontece no encontro com a mãe, uma vez que a criança parece não reconhece-la e tende a evitá-la como se tivesse perdido o interesse pela sua presença (Guedeney & Guedeney, 2002; Hazan & Shaver, 1987; Soares, 2009)

Anos mais tarde, e voltando a distanciar-se da teoria psicanalítica, Bowlby encontra na etologia animal novas explicações para a teoria da vinculação. Como já foi referido, quando estava a desenvolver a primeira teoria, Bowlby tomou conhecimento dos estudos de Lorenz (1935) com gansos, onde se pode verificar que os animais criavam fortes vínculos afetivos com a figura parental mesmo que não fossem alimentados. Outro estudo que influenciou Bowlby, e que também já foi referenciado, foi o desenvolvido por Harlow (1958), no qual observou que os macacos bebés “rhesus” em situações de grande stress, preferiam a mãe coberta de pano que lhe proporcionou conforto, ao invés da mãe de arame que lhe forneceu comida (Cassidy, 1999).

As pesquisas de Ainsworth no Uganda (1963, 1967) e em Baltimore (1977) vêm a constituir as bases da investigação ao nível da abordagem transcultural, da observação em contexto natural e do método longitudinal. Assim, em 1988, Bowlby alargou os conceitos, definido o comportamento de vinculação como o ato de um indivíduo procurar ou manter a proximidade com um outro, tornando-o mais capaz de lidar com as situações da vida em geral. As suas pesquisas tiveram grande impacto na psicologia do desenvolvimento, tendo em conta que vieram conceptualizar a ideia de continuidade e transformação através do desenvolvimento individual. Assim, através das experiências do recém-nascido, adquiriu-se uma nova visão na compreensão dos comportamentos de indivíduos adultos (Oliveira, 2000).

Com base na teoria de Bowlby, Soares (2009) menciona que a vinculação pode ser vista de três modos: 1) pelo sentimento de segurança proporcionado pela figura de vinculação e pelo desejo de permanecer na sua companhia; 2) pela procura de proximidade com essa figura quando ocorrem situações ameaçadoras ou de perigo e 3) pela perturbação que se desenvolve quando existe a separação da figura de vinculação e pela alegria resultante da reaproximação com essa mesma figura

1.4.1. Desenvolvimento da Vinculação de acordo com Bowlby

Bowlby distingue quatro fases do Desenvolvimento de vinculação (Bowlby, 1969; Soares, 2009; Salvaterra, 2011).

A primeira fase designa-se por *Orientação e sinais com uma discriminação limitada de figuras* e surge logo após o nascimento e decorre até às 8 a 12 semanas de vida. É caracterizada por o bebé responder aos estímulos que lhe possibilitam o contato com os outros seres humanos, no sentido de despoletar o interesse, a prestação de cuidados, o contato físico, a nutrição e o afeto. Embora o bebé não consiga distinguir um adulto de outro, dirige-se a eles seguindo-os com o olhar, procurando segurá-los, sorrindo e parando o choro ao ouvir uma voz ou a ver um rosto. Durante a segunda fase, que tem por nome *Orientação e sinais dirigidos para uma (ou mais) figura (s) discriminada (s)*, tal como na fase anterior, o bebé continua com o mesmo comportamento amistoso em relação às pessoas, embora se note um interesse maior pela pessoa que lhe presta cuidados, normalmente a mãe. Esta reação é possível uma vez que o bebé já consegue distinguir algumas faces, sendo capaz de as discriminar. O bebé responde com mais vocalizações, mais choros e mais sorrisos às figuras que lhe parecem familiares. Apesar de não ter um início muito claro, sabe-se que esta fase decorre até aos seis meses de vida. *Manutenção da proximidade com uma figura discriminada através da locomoção e de sinais* é a designação da terceira fase e inicia-se aos seis/sete meses de idade e prolonga-se até aos dois/ três anos (varia mediante o contato com a figura principal). É a fase em que o bebé consolida a vinculação com a pessoa que lhe presta cuidado, pois este vai funcionar como uma base segura durante a exploração da criança no meio. Nesta altura o bebé apresenta algumas mudanças significativas, não só a nível motor, cognitivo e linguístico, mas também ao nível das organizações comportamentais. A quarta e, última fase, denomina-se por *Formação de uma relação recíproca corrigida por objetivos* e é representada pela maior capacitação da criança para aceitar a separação mais prolongada das figuras de vinculação, embora a criança continue a demonstrar de várias maneiras que o sentimento de segurança que possui permanece ligado à acessibilidade que as figuras lhe prestam. Deste modo a figura materna passa a ser vista como um objeto independente. A criança pode, através de um mapa cognitivo, começar a deduzir as metas e objetivos da mãe, produzindo os seus próprios objetivos. A fase quatro verifica-se por volta dos 24 meses.

1.5. Teoria da Vinculação Segundo Mary Ainsworth

Mary Ainsworth é uma psicóloga canadiana que traz à teoria de vinculação desenvolvida por Bowlby um novos argumentos, obtidos por via experimental e científica.

Segundo Ainsworth a vinculação é algo que implica necessariamente um comportamento de afeto, sendo assim um ato observável. Estes atos de vinculação desempenham um processo ativo, onde as respostas dadas são influenciadas retroativamente (Oliveira, 2000). Neste sentido, para a autora, só a faceta que possui a segurança e os cuidados é que está relacionada com a função de proteção que serve de base para o desenvolvimento da vinculação (Soares, 2009). Através de observação em meio natural, e com o intuito de perceber os efeitos da separação e do desmame, Ainsworth inicia, em 1945, um estudo no Uganda com 28 bebés não desmamados. Com esta investigação é-lhe permitido concluir a veracidade dos estudos de Bowlby sobre o carácter primário da vinculação (Guedeney & Guedeney, 2002).

De acordo com a teoria da vinculação, apenas quando a vinculação da criança com a mãe é de qualidade é que ela é capaz de utilizá-la como uma base segura para enfrentar o meio (Montagner, 1900). Mais tarde, em 1978, e com a intenção de avaliar o tipo de relação de vinculação entre a criança e a mãe, Ainsworth, desenvolveu um estudo laboratorial ao qual deu o nome de *Situação Estranha*. Foi estruturado com a função de induzir níveis de stress na criança que tivessem intensidade suficiente para ativar comportamentos de vinculação. A experiência foi gravada em vídeo, de forma a poder registar as reações da criança à separação e reunião com a mãe. Teve uma duração de cerca de 20 minutos. A codificação da situação estranha levou à classificação do comportamento de vinculação em 3 tipos de padrões diferentes. No padrão A - *Inseguro evitante* – a criança inicialmente separa-se da mãe no sentido de explorar o meio ambiente que a rodeia. Há pouca partilha de afetos com a mãe, podendo a criança estabelecer uma relação com um estranho. Quando a criança se reúne de novo com a mãe, evita-a e movimenta-se noutra direção. Este evitamento só ocorre em relação à mãe, uma vez que a criança não evita o estranho. No padrão B – *Seguro* – a mãe constitui uma base segura para a exploração do meio ambiente. Embora a criança se separe para brincar, existe partilha de emoções e a relação com o estranho apenas é estabelecida na presença da mãe, que conforta prontamente a criança quando existe uma situação indutora de stress. Ocorre uma procura activa de contacto e interação, após reunião com a mãe. Finalmente padrão C - *Inseguro-Ansioso* – a criança manifesta dificuldade em se isolar. Há baixa exploração do ambiente, uma vez que precisa sempre de contato antes da separação, pois situações e pessoas estranhas causam-lhe receio. Mostra resistência ao contacto, gritando, dando pontapés ou rejeitando brinquedos pode até continuar a chorar e gritar ou aparentar grande passividade. Estes três padrões de vinculação representam estratégias organizadas pela

criança que lhe permitem gerir a ansiedade causada pela separação e reunião (Canavarro, 1997).

A situação estranha constitui assim o marcador da segunda fase da metodologia no estudo da vinculação, uma vez que visa possibilitar o estudo das diferenças individuais na organização comportamental da vinculação. Deste modo, os estudos anteriormente descritos permitiram a exploração de algumas questões teóricas de Bowlby, trabalhadas em terreno empírico e formuladas na sua obra (Soares, 2009).

1.6. Vinculação na Idade Adulta

Embora a importância da vinculação seja mais evidente durante a infância, Bowlby (1990) sustenta que o “comportamento de ligação caracteriza os seres humanos do berço à sepultura”. É na década de 80, na continuidade dos estudos da vinculação nas crianças, que surge o interesse do estudo da vinculação na idade adulta. A vinculação ganha uma reconceptualização em termos de modelos internos dinâmicos e da sua avaliação em torno da organização que integra a linguagem e passa a ser vista a partir do domínio representacional, deixando de lado o domínio comportamental. Esta nova metodologia foi importante na medida em que as representações mentais da vinculação permitem explicar a relevância das relações precoces para o comportamento e desenvolvimento posterior. A perspetiva do indivíduo sobre a experiência subjetiva que adquiriu precocemente constrange, interage ou reforça os ingredientes objetivos da experiência e do comportamento. O fato de avaliarmos e descrevermos as representações internas possibilita uma explicação sobre a ativação do sistema de vinculação e as respostas que este utiliza em novas situações e tendo em conta o que foi dito, é a partir das representações mentais que podemos compreender como um laço entre duas ou mais pessoas se desenvolve e perdura ao longo do tempo e do espaço (Soares, 2009).

Berman e Sperling (1994) foram os primeiros autores a definir vinculação do adulto e descreveram-na como “uma tendência estável do indivíduo para manter a proximidade e o contacto com uma ou algumas figuras específicas, percebidas como potenciais fontes de segurança física e/ou psicológica” (p. 8). West e Sheldon-Keller (1994) foram os segundos a dar uma definição à vinculação no adulto, sugerindo o conceito de *vinculação recíproca do adulto*, que definiram como “relações diádicas, nas quais a proximidade a uma figura,

considerada especial e preferida a outras, é mantida como o objetivo de sensação de segurança” (p. 19). Esta noção teve por base a diferença de natureza que existe na complementaridade e reciprocidade, das relações de vinculação na infância e nas relações de vinculação na idade adulta. (Canavarro, 1997)

A vinculação do adulto emerge na literatura, sintetizada por Berman e Spearling (1994) em três formas diferentes: vinculação como um *estado*, vinculação como um *traço* e vinculação como um *processo interactivo*. A vinculação como um *estado* surge caso haja indisponibilidade por parte da figura de vinculação; a vinculação como um *traço*, vista como a tendência para formar tipos de relações de vinculação similares, e a vinculação como um *processo interactivo*, que aparece na sequência de um relacionamento específico (Canavarro, Dias & Lima, 2006).

O choro, o apelo aos cuidados, o seguimento e até os protestos da criança quando fica sozinha ou na companhia de estranhos, são comportamentos que permanecem como parte importante do equipamento comportamental do adulto, embora que com a idade estes tendem a diminuir gradualmente. Nos adultos, estes comportamentos evidenciam-se em situações em que a pessoa está abatida, doente ou assustada. Deste modo, a idade atual, o sexo e as experiências vividas com as figuras de vinculação nos primeiros anos de vida podem ter influência nos padrões de comportamento de ligação manifestados por um indivíduo (Bowlby, 1979). É então possível que, através da identificação de padrões de organização mental da vinculação dos adultos, semelhantes aos padrões de organização comportamental reconhecidos em bebés, nos seja permitida uma exploração empírica da transmissão intergeracional da vinculação. Esta proposta já tinha sido considerada por Bowlby (1979), na medida em que afirmava que a qualidade da vinculação é transmitida ao longo de gerações, não pelos genes, mas pela microcultura familiar (Soares, 2009).

Tendo em consideração o sentido biológico do desenvolvimento infantil, prevê-se que a criança possui determinadas características que poderão influenciar todo o processo de inter-relações. Nesta formulação, as primeiras relações que o sujeito estabelece, seguras ou não seguras, irão servir como modelo para as relações sociais estabelecidas na fase adulta (Oliveira, 2000). As relações conjugais são normalmente o modelo de funcionamento da vinculação na idade adulta. No entanto, relações de amizade íntima ou relações com o grupo

de pares, são também ligações afetivas adultas que constituem a componente da vinculação (Soares, 1996).

1.6.1. Diferenças entre vinculação durante a idade adulta e vinculação durante a infância

Soares (1996) faz algumas referências daquilo que distingue a vinculação na idade adulta da vinculação na infância. Refere primeiramente que as figuras de vinculação no adulto nascem normalmente das relações estabelecidas com os pares, contrariamente às crianças que estabelecem relações de vinculação, por norma, com os adultos que lhes prestam cuidados. Em segundo lugar menciona que, nos adultos, são menos as situações que ativam o sistema de vinculação que na infância, sendo que a tolerância à separação é maior, principalmente se o sujeito representar mentalmente a situação como gratificante para si e para o outro. Por último considera que, caso a vinculação seja profundamente perturbada (morte, divórcio ou outro tipo de separação definitiva), o adulto consegue mais facilmente procurar segurança em outros adultos, uma vez que possui mais recursos para o efeito. Enquanto que nas fases mais precoces da infância a vinculação e o sentimento de segurança estão inseridos em todos os aspetos da relação, a vinculação no adulto está muitas vezes orientada no sentido de apenas um dos componentes da relação com uma determinada figura. Hinde e Stevenson-Hinde (1986) e West e Sheldon-Keller (1994) destacaram que, tendo em conta o que acontece durante a infância, como o desenvolvimento da capacidade de representação no adulto é capaz de fixar a figuração de vinculação, mesmo esta estando ausente, é necessário que ocorra acontecimentos indutores de stress mais fortes para que os comportamentos de vinculação sejam ativados (Canavarro, 1997).

Weiss (1982) caracterizou vinculação do adulto em três pontos. Para este autoras relações de vinculação: (1) são normalmente estabelecidas entre pares e não entre quem recebe e oferece cuidados; (2) uma vez que existe um grau menor de responsabilidade nas relações que são estabelecidas não se destacam tanto de outros sistemas comportamentais e (3) essas relações são muitas das vezes de cariz sexual (Canavarro, 1997).

Também é de extremo interesse a distinção feita por Hinde (1997), Hinde e Stevenson-Hinde (1986) e Berman, Marcus e Berman (1994). Estes autores sublinharam que, enquanto na infância os comportamentos de procura de cuidados por parte da criança são

complementados com comportamentos de oferta de cuidados por parte do adulto, na idade adulta, isso não se verifica, uma vez que as relações são estabelecidas são normalmente de reciprocidade com um par (Canavarro, 1997).

Capítulo 2

Criatividade

Criatividade

2.1. Definição de Criatividade

O conceito de “criatividade” é muitas vezes visto como algo impossível de definir e descrever, uma vez que os atos criativos não seguem os critérios de frequência e previsibilidade das ciências que ambicionam ultrapassar o nível da descrição dos fenómenos para a explicação dos mesmos (Bahia & Ibérico Nogueira, 2005). Segundo Rouquette (1973), “falar de criatividade é, frequentemente, não designar nada, ou então é designar a ausência de um conceito.” (p. 19). Neste sentido, Torrance, em 1988, apontou que estudar criatividade tornar-se-ia um paradoxo, não só porque desafia qualquer definição, mas também porque aquilo que escapa a uma definição não pode ser encarado como objecto de estudo, ou seja, não é possível teorizar sobre o que não se consegue definir (cit. por Bahia & Ibérico Nogueira, 2005)

No sentido etimológico e semântico o termo “criatividade” resulta do verbo “criar”, da “capacidade de dar existência a qualquer coisa”, da tendência para tirar algo do que não existe, de “inovar” e de descobrir algo novo (Fonseca, 1990). Vygotsky (1930, 2012) descreve que “qualquer ato humano que dá origem a algo novo é referido como um ato criativo, independentemente do que é criado: pode ser um objeto do mundo exterior ou uma construção da mente ou do sentimento que se vive e se encontra apenas no homem” (p. 21). A definição operativa de vinculação sustentada por Stein refere que um processo criativo resulta de uma obra nova, aceite como sustentável, útil e satisfatória relativamente a um grupo em certa altura no tempo (Taylor, 1976). Já Torrance (1976) caracteriza criatividade como um processo em que o indivíduo se torna sensível aos problemas, às falhas e às lacunas no conhecimento conseguindo assim identificar dificuldades e procurar soluções, através da formulação de hipóteses, e terminando o processo transmitindo os seus resultados. Guilford (1986, cit. por Bahia & Ibérico Nogueira, 2005) entende que a criatividade é um processo mental, onde a pessoa produz informação que não possuía, a que o autor designa como pensamento divergente (capacidade de criar várias respostas face a um mesmo problema). Refere, também, que a criatividade segue uma distribuição normal, o que faz com que todas as pessoas sejam, em certo grau, criativas. Para Stenberg & Lubart (1996) a criatividade é a capacidade de produzir um trabalho que é ao mesmo tempo original ou inesperado e adequado. Manifestam, assim, a sua importância, tanto a nível individual, como social para um enorme leque de domínios e tarefas (Stenberg & Lubart, 1996).

Relativamente à natureza do conceito, em 1998, Csikszentmihalyi, refere “a criatividade não se produz dentro da cabeça das pessoas, sim na interação entre os pensamentos de uma pessoa e o contexto sociocultural” (p.41). Em 2008, Bahia define criatividade com um conjunto de capacidades, de modos de pensar, de traços de personalidade, de conhecimentos e de influências sociais e ambientais, que se vão alterando conforme o desenvolvimento cognitivo, a sabedoria e a experiência de vida. Howard Gardner refere que o indivíduo criativo é “alguém que pode resolver regularmente um problema ou criar algo novo que se torne um produto valioso em determinada área”. Já Roger Von Oech diz que “a verdadeira chave para tornar-se criativo está no que se faz com o conhecimento que se tem. O pensamento criativo supõe uma atitude, uma perspetiva, que leva a procurar ideias, a manipular conhecimento e experiência” e, segundo Guy Aznar, a criatividade “pode ser definida como uma aptidão individual a produzir algo novo, ou a produzir novas combinações, ou a desacelerar problemas, ou a reesolvê-los” (cit. por DiNizzo, 2009).

Amabile na sua definição de criatividade ressalta que “um produto ou resposta será julgado como criativo na medida em que a) é novo e apropriado, útil, correto ou de valor para a tarefa em questão, e b) a tarefa é heurística e não algorítmica” (cit in Alencar & Fleith, 2003).

Resumindo, as definições apresentadas indicam a criatividade como uma capacidade do indivíduo, tal como a inteligência ou a personalidade, e que se caracteriza por um processo complexo, multifacetado, que envolve a definição e redefinição de problemas (Stenberg & Lubart, 1991) e que compreende a junção do conhecimento já existente numa nova forma através da utilização de ideias antigas em novos contextos, ou através da perspectiva inovadora de conhecimentos antigos (Sutton, 2002). Salienta-se também a motivação e a determinação como características relevantes para a criatividade, sendo fundamental uma confluência de múltiplas componentes na manifestação do desempenho criativo (Amabile, 1996; Gardner, 1993). No entanto, e apesar da controvérsia em torno de uma definição esclarecedora do que é a criatividade, parece haver consenso entre teóricos de que este domínio do desenvolvimento humano deve ser encarado como um processo multidimensional, considerando sempre o contexto onde é inserido. São também unânimes em afirmar a importância do estudo da criatividade para a sociedade atual (Bahia & Ibérico Nogueira, 2005)

2.2. Abordagens Psicológicas da Criatividade

Até ao início do séc. XX a criatividade era vista como objeto de reflexão filosófica. No entanto, segundo Pereira (1996), podemos identificar quatro grandes períodos na investigação psicológica. O primeiro surge quando Laura Chassel publica *Tests for originality* em 1916, e estende-se até à década de 50. Nesta altura os estudos aproximavam-se da pesquisa dos sobredotados, uma vez que a criatividade era considerada atributo de pessoas privilegiadas. Embora as investigações fossem maioritariamente americanas, é importante referir o trabalho de Rieben que apresentou o estudo francófono de Claparède em 1924, que incide na distinção entre inteligência global e inteligência *intégrale*. Desta forma, Rieben considera Claparède, precursora de Guilford na distinção entre pensamento convergente e divergente.

O segundo período acontece nas décadas de 50 e 60 com o discurso de Guilford, em 1950, à *American Psychological Association*(APA), passando a ser o grande impulsionador dos estudos da criatividade. Neste ponto a criatividade é considerada como uma variável contínua, que pode ser estimulada ou inibida. É analisada também como uma peça fundamental no enriquecimento dos currículos dos alunos. Treffinger e colaboradores (1993) identificaram, nesta fase, três grandes áreas da investigação que são a clarificação das relações entre indivíduos e inteligência; o desenvolvimento e validação dos testes de criatividade; e o início do desenvolvimento de programas de treino de competências criativas. É nesta altura que são analisadas as características de personalidade do sujeito criativo.

As décadas de 70 e 80 constituem a terceira etapa no estudo da criatividade que se destaca pela concepção e proliferação de programas de desenvolvimento da criatividade. Neste período a criatividade continua indefinida, no entanto, abordam-se alguns critérios de avaliação.

O quarto e último período sugerido por Pereira (1996) inicia-se nos anos 90 e marca o ciclo designado por *ecological views*. Aqui os modelos interativos estão no foco da investigação da criatividade e dá-se ênfase à análise dos produtos criativos, esquecendo as abordagens psicométricas tradicionais.

2.3. Concepções Teóricas da Criatividade

Muitos foram os estudos com o objetivo de identificar as variáveis do contexto sócio-histórico-cultural que influenciavam a produção criativa e favoreciam a expressão do comportamento criativo. Para se perceber porque, quando e como novas ideias são produzidas, é essencial pensar nas variáveis internas e externas do indivíduo. Desta forma, e com base nessa abordagem, foram desenvolvidas três modelos de criatividade: a Teoria do Investimento em Criatividade de Sternberg, a Abordagem sistêmica de Csikszentmihalyi e o Modelo Componencial de Amabile (Alencar & Fleith, 2003). Simonton (1988) resumiu diversas abordagens da criatividade em quatro traços gerais, que designou por “P”: P de pessoa/personalidade, P de Produto, P de processo e P de persuasão.

2.3.1. Teoria do Investimento em Criatividade de Sternberg

Na primeira formulação desta teoria, Sternberg (1988), embora considerasse importante abranger mais critérios, tais como o ambiente e as variáveis pessoais que facilitam ou impedem que a criatividade se manifeste, cingiu-se à inteligência, ao estilo cognitivo e à personalidade/motivação. Apenas mais tarde, Sternberg e Lubart (1991,1993,1995,1996) fizeram uma reformulação do modelo original, argumentando que o comportamento criativo derivava da junção de seis fatores diferentes, mas interrelacionados. Os seis fatores são: 1) inteligência, 2) estilos intelectuais, 3) conhecimento, 4) personalidade, 5) motivação e 6) contexto ambiental. Quando descrevem os seis fatores, Sternberg e Lubart (1991) salientam que nem todos os elementos de cada um desses recursos importam para a criatividade, pois nenhum pode ser visto de forma isolada mas de forma interativa com os restantes.

Sternberg e Lubart (1996), separam o fator da inteligência em três habilidades cognitivas e três tipos básicos de insight. Relativamente às habilidades cognitivas, a primeira é a habilidade sintética, que tem a função de redefinir problemas através de um novo ângulo; a segunda habilidade, que é a analítica, serve para reconhecer, dentro de uma variedade de ideias, a que é mais importante e vale a pena investir; e a terceira é a habilidade prática-contextual, que se refere à capacidade que o indivíduo tem para persuadir outras pessoas no sentido da sua própria ideia. Os tipos básicos de insight englobam: o insight de codificação seletiva, que ocorre quando alguém ao tentar solucionar um problema, se apercebe que a importância que a informação tem não é óbvia; o insight de comparação seletiva, que envolve o

pensamento analógico, fazendo uma analogia entre o novo e o velho, no sentido em que vai buscar informações do passado para resolver problemas que acontecem no presente; e o insight de combinação seletiva, que surge na combinação pouco óbvia de informações. O fator dos estilos intelectuais, divide-se em três classes, que dizem respeito à maneira como a pessoa usa, explora e utiliza a sua inteligência. Sternberg (1991) designa-os de estilo legislativo, que se encontra presente na pessoa com capacidade para formular problemas e criar novas regras e maneiras, o que é relevante para a criatividade (pessoas mais criativas seriam mais propensas a este estilo); de estilo executivo, que caracteriza pessoas que gostam de implementar ideias, mas apenas em problemas que oferecem uma estrutura clara e bem definida; e de estilo judiciário, este estilo encontra-se naquelas pessoas com tendência para julgamentos, só pelo prazer de dar opiniões e avaliar as das outras pessoas.

O terceiro fator da teoria do investimento da criatividade é do conhecimento. Neste sentido, em 1991, Sternberg e Lubart, referem a importância deste componente em todas as áreas, uma vez que é importante o conhecimento sobre determinada área. O fator do conhecimento é diferenciado pelos autores em dois tipos: o tipo formal e o tipo informal. O tipo formal é o conhecimento de determinada área que o indivíduo adquire por meio de livros, instrução ou palestras; e o tipo informal é o conhecimento que é obtido por dedicação a uma área específica, que normalmente não é ensinado, muitas vezes é até difícil de ser verbalizado.

O quarto fator, Personalidade, é um fator relevante para os autores, na medida em que alegam que alguns traços de personalidade são muito importantes para a personalidade. Deste modo, manifestam um conjunto de traços de personalidade presentes em pessoas criativas, tais como, predisposição a correr riscos, confiança em si mesmo, tolerância à ambiguidade, coragem para expressar novas ideias, perseverança diante de obstáculos e também um certo grau de auto-estima. No entanto, nem sempre todas estas características se encontram presentes nas pessoas criativas.

Quanto ao fator da motivação, Alencar e Fleith (2003) referem que os recursos motivacionais estão na base das forças que estimulam a capacidade criativa, principalmente a motivação intrínseca, uma vez que é a componente principal da tarefa e é de extrema importância para a criatividade. Neste contexto, pessoas grande motivação intrínseca, estão mais predispostas a responder criativamente a determinada tarefa, pois estarão a realiza-la

movidas pelo prazer. Sternberg e Lubart consideram que a motivação intrínseca e a motivação extrínseca encontram-se muitas vezes em interação no sentido de fortalecer a criatividade.

O contexto ambiental é o sexto e último fator desta teoria. Sternberg e Lubart recordaram que a criatividade não pode ser vista fora deste contexto, pois o produto e a pessoa são julgados dentro dele como criativos. O ambiente facilitador do padrão criativo está associado a variáveis pessoais e situacionais (Alencar & Fleith, 2003).

Os autores definem três maneiras diferentes em que contexto ambiental afeta a produção criativa, que são: o grau que favorece a criação de novas ideias; a extensão em que estimula e dá o suporte que é preciso para o desenvolvimento de ideias criativas e, desta forma, criar produtos atingíveis; e a avaliação que é feita através do produto criativo (Alencar & Fleith, 2003).

2.3.2. Abordagem sistémica de Csikszentmihalyi

Segundo Csikszentmihalyi (2004), a base do estudo da criatividade encontra-se nos sistemas sociais e não apenas no indivíduo, pois considera que a criatividade é construída através da interação entre o sujeito criador e a sua audiência. Deste ponto de vista esta não surge do produto individual, mas resulta de sistemas sociais que avaliam esse produto. A abordagem sistémica de Csikszentmihalyi apresenta a criatividade como um processo resultante da intersecção de três fatores: indivíduo, domínio e campo (Alencar & Fleith, 2003).

Relativamente ao indivíduo foram consideradas as características relativas à criatividade e background social e cultural, sendo que podemos salientar algumas, como a curiosidade, o entusiasmo, a motivação intrínseca, a abertura a experiências, a persistência, a fluência de ideias e a flexibilidade de pensamento. Este fator tem em conta a bagagem genética e as experiências pessoais do indivíduo. O segundo fator é o domínio (cultura) e é baseado num conjunto organizado de conhecimentos associados culturalmente a uma área, os quais são armazenados, estruturados, transmitidos e compartilhados com uma sociedade ou várias sociedades. Desta forma, é importante o indivíduo recolher tanto conhecimento quanto o que lhe for possível sobre o domínio, de forma a poder introduzir variações no mesmo. Nesta formulação, Csikszentmihalyi acredita que uma resposta criativa apresenta maior probabilidade de acontecer, se o indivíduo tiver acesso à informação pertinente sobre o

domínio pelo qual se esta a estudar, bem como se essas informações estiverem ligadas entre si, pois ativam o interesse do indivíduo e permitem, assim, um empenho maior no processo. O campo (sistema social) é o terceiro componente da abordagem e compreende os que indivíduos têm um papel importante na decisão de perceber se nova ideia ou produto são criativos e devem ser incluídos no domínio. Neste contexto, uma ideia que se apresente como nova pode não ser aceita se o campo for defensivo, rígido e imerso em um sistema social que não encoraja a criatividade. Deste modo, é função do sujeito criador persuadir o campo, da relevância e valor que a sua ideia pode trazer para o domínio. Assim, uma ideia só pode receber o “título” de criativa se o campo a avaliar como tal. Por outro lado, pode acontecer a ideia ser avaliada como não criativa em determinada altura mas, posteriormente, ser considerada criativa. Isto ocorre devido aos critérios de interpretação poderem ser modificados de tempos a tempos.

2.3.3. Modelo Componencial de Amabile

O modelo proposto por Amabile (1983, 1989, 1996) procura explicar como fatores cognitivos, motivacionais, sociais e de personalidade influenciam no processo criativo, destacando os sociais e motivacionais no desenvolvimento da criatividade. Neste sentido, o modelo consiste em três componentes, necessários para o contributo do trabalho criativo: habilidades de domínio, processos criativos relevantes e motivação intrínseca. Para que a criatividade ocorra é necessário que os componentes operem conjuntamente (Alencar & Fleith, 2003).

O primeiro componente - habilidades de domínio – diz respeito a fatores como o talento e o conhecimento que são alcançados durante a educação formal e informal, durante a experiência e através das habilidades técnicas utilizadas na área, que contribuem para o seu desenvolvimento. Tal como salienta Starko (1995), é essencial ter um vasto conhecimento sobre uma área, pois só assim é possível transformar esse conhecimento, prever as implicações do mesmo e assim combiná-lo de diferentes maneiras, uma vez que as contribuições criativas não se encontram no vácuo, mas apoiadas no conhecimento dessa área. No segundo componente – processos criativos – Amabile abrange o estilo de trabalho. Inclui a habilidade de se concentrar por longos períodos de tempo, a dedicação ao trabalho, o alto nível de energia, persistência frente a dificuldades, busca da excelência e habilidade de abandonar ideias improdutivas; o estilo cognitivo, i.e., a quebra de padrões usuais de

pensamento, quebra de hábitos, compreensão de complexidades, produção de várias opções, suspensão de julgamento no momento de geração de ideias, flexibilidade perceptual, transferência de conteúdos de um contexto para outro e armazenagem e recordação de ideias; o domínio de estratégias que favorecem a produção de novas ideias, ou seja, tornem o familiar estranho, gerem hipóteses, usem analogias, investiguem incidentes paradoxais, e brinquem com as ideias; e os traços de personalidade, que podem contribuir para o desenvolvimento dos processos criativos relevantes. Dentre os traços de personalidade que favorecem a produção criativa, podemos ressaltar a autodisciplina, a persistência, a independência, a tolerância à ambiguidade, o não conformismo, a auto-motivação e o desejo de correr riscos. Esses estilos e traços podem ser desenvolvidos na infância e mesmo na vida adulta (Alencar & Fleith, 2003).

A motivação intrínseca, terceiro componente proposto por Amabile, refere-se ao nível de satisfação do indivíduo aquando da realização da tarefa; ao interesse, competência e autodeterminação demonstrado. Naturalmente, se a atividade desperta interesse ao indivíduo, este sentir-se-á mais motivado quando a realiza e, assim, desenvolve sentimentos de auto-eficácia, que o levam a pesquisar mais informações sobre a área estudada. Nesta formulação, é importante salientar que altos níveis de motivação intrínseca podem estar associados ao rompimento de estilos de produção de ideias, o que pode ajudar no desenvolvimento de novas estratégias criativas. Contrariamente à motivação intrínseca, a motivação extrínseca é caracterizada pelo envolvimento do indivíduo em uma atividade realizada no sentido de atingir uma meta externa à tarefa, que é finalizada através de recompensa ou reconhecimento de pessoas externas. Amabile (1996) defende, então, que “motivação intrínseca conduz à criatividade; motivação extrínseca controladora é deletéria à criatividade, mas motivação extrínseca informativa pode conduzir à criatividade, particularmente se há altos níveis iniciais de motivação intrínseca” (p. 119, citin Alencar & Fleith, 2003).

Este modelo conta ainda com a elaboração de cinco estágios que não ocorrem, necessariamente, em uma sequência lógica:

- 1) Identificação do problema ou da tarefa: neste estágio o indivíduo faz uma identificação de um problema que considera ter solução e, caso se sinta motivado intrinsecamente, será mais fácil de realizar o processo.
- 2) Preparação: está ligado ao desenvolvimento das habilidades de domínio, através da recolha de informações pertinentes para solucionar o problema.

- 3) Geração de resposta: este estágio conta com o estabelecimento do nível de originalidade do produto ou resposta, sendo que é aqui que o indivíduo vai criar diferentes possibilidades de respostas, utilizando os processos criativos e a sua motivação intrínseca.
- 4) Comunicação e validação da resposta: o indivíduo emprega as suas habilidades de domínio com o sentido de avaliar a criatividade da resposta ou do produto, bem como perceber se é útil, correta e se tem valor para a sociedade.
- 5) Resultado: afigura a tomada de decisão com relação à resposta, tendo em conta a avaliação feita no estágio anterior.

2.3.4. Modelo dos 4 P's

O modelo dos 4 P's foi criado por Simonton que, em 1988, resumiu as diversas abordagens da criatividade em quatro P's: "P" de pessoa/personalidade, "P" de produto, "P" de processo e "P" de persuasão. (Bahia & Ibérico Nogueira, 2005). O "P" de personalidade é caracterizado pelo estudo das características da personalidade presentes nos indivíduos criativos, que permitiam, através de testes de personalidade, identificar os sujeitos potencialmente criativos. O "P" de produto refere-se aos produtos criativos, tais como, artísticos, científicos, e tecnológicos, e pretende que esses produtos se submetam a uma série de critérios que permitam avaliar sobre a sua originalidade e pertinência. O "P" de processo alude à distinção entre a criatividade quotidiana, com "c" minúsculo e a grande ou alta Criatividade, com "C" maiúsculo. Neste sentido, permite-nos explorar não só a conceptualização da criatividade dos sujeitos mais jovens e onde poderemos encontrar as diversas formas de pensamento divergente, bem como, estudar sobre o que é a criatividade adulta e onde mais facilmente encontramos os produtos aceites como criativos e provenientes de um longo trabalho e investimento. O "P" de persuasão, incide na determinação da aceitação e reconhecimento do trabalho do sujeito, uma vez, que a criatividade é um fenómeno interpessoal e social.

2.4. Avaliação da Criatividade

Considerando a limitação de investigações sobre a criatividade, tendo em conta o número reduzido de pessoas consideradas como muito criativas e sabendo que a criatividade escapa a uma medida exata, Guilford propôs o Teste dos Usos Invulgares. O teste de papel e

lápiz foi implementado com o objetivo de avaliar o pensamento divergente. Neste sentido, era pedido aos sujeitos que pensassem e descrevessem tantos usos quantos os possíveis para um objeto vulgar, sendo que desta forma, seria possível comparar pessoas numa escala de “criatividade” padronizada (Bahia & Ibérico Nogueira, 2005).

Torrance, em 1974. Apresentou uma Bateria de Testes de Pensamento Criativo (TTCT), a qual se baseava em tarefas verbais e figurativas, apresentadas de forma simples, que estavam associadas a competências do pensamento divergente e a competências de resolução do problema. A cotação deste teste pretendia concluir a fluência (total de respostas pertinentes), a flexibilidade (número de diversas categorias de respostas), a originalidade (critério de raridade estatística) e a elaboração (número de detalhes na resposta). Esta bateria divide-se ainda em quatro subtestes: formulação de perguntas, melhoramento de um produto, usos invulgares e círculos (Bahia & Ibérico Nogueira, 2005).

Em 1992, Ribeiro e Almeida (cit. por Bahia & Ibérico Nogueira, 2005), avançaram com a Bateria de Provas de Raciocínio, nas quais estão incluídas as provas de pensamento divergente, compostas por duas atividades: numérico, espacial, verbal e figurativo-abstrato. Nas duas primeiras provas, numérico e espacial, é pedido aos sujeitos que elaborem uma resposta a partir dos dados fornecidos; nas duas últimas provas, verbal e figurativo-abstrato, os sujeitos devem criar frases ou desenhos, relativos às letras ou traços que lhes são fornecidos.

Outro contributo no estudo da avaliação da criatividade foi o modelo proposto por Finke, Ward e Smith que, em 1992, resumiram o processo do pensamento criativo em duas fases: a primeira, designaram de *Generativa*, referindo ser o período da construção de representações mentais, onde as estruturas “pré-inventivas” estariam na base da promoção de descobertas criativas; e a segunda fase, a qual deram o nome de *Exploratória*, onde as estruturas são utilizadas na exploração de novas ideias criativas. Os autores, mencionaram que a recuperação, a associação, a síntese, a transformação, a transferência analógica e a redução de categorias são os processos mentais associados à criatividade (cit. por Bahia & Ibérico Nogueira, 2005).

Sternberg e Lubart (1991) sugeriram a avaliação da Criatividade Geral; da Novidade; da Adequação ao Tópico; do Valor Estético; da Integração de Elementos Dísparos e do

Esforço Percepcionado. A proposta incidiu em quatro domínios de avaliação: 1) a escrita; 2) o domínio artístico; 3) a publicidade; e 4) a ciência.

Resumidamente, e tal como referem Bahia e Ibérico Nogueira (2005), “avaliar criatividade é, acima de tudo, uma forma de despistar, identificar, fortalecer e avaliar aspetos importantes e, ainda, de verificar o potencial do sujeito em questão, apoiando os seus pontos fortes e diagnosticando as necessidades tendo como objetivo último a avaliação dos esforços para aumentar a criatividade e a utilização de uma linguagem comum sobre criativos que permita retirar a aura do mistério e os mitos em torno deste processo” (p. 356).

Capítulo 3

A difícil relação entre a Vinculação e Criatividade

3.1. Vinculação e Criatividade

Embora não existam estudos na literatura que relacionam a criatividade com a vinculação procurámos associar estas duas variáveis, considerando a vinculação como a variável estruturante e preditora e a criatividade como variável critério, potencialmente influenciada pelo estilo de vinculação.

Sousa (1998) refere que dificilmente encontraremos um sujeito criativo que não demonstre persistência sobre os obstáculos, vontade de enfrentar riscos e de crescimento pessoal, que não revele tolerância à ambiguidade, ou até extrema abertura à experiência. Naturalmente, a criatividade está associada à exploração de novas ideias face a um problema e neste sentido a segurança demonstrada no momento da exploração aparece talvez significativamente relacionada com o estilo de vinculação, no sentido em que uma vinculação mais segura irá permitir uma melhor exploração de novas alternativa.

Ludwig (1995) determina que fatores como a precocidade, um ambiente familiar favorecido, o desrespeito pela autoridade, a auto-suficiência e independência, a vulnerabilidade física, a instabilidade psicológica, o desejo de dominância e poder e trabalhos onde se reconhece a marca pessoal apresentam-se com alguns preditores da capacidade criativa. Ora os conceitos de auto-suficiência e independência encontram-se igualmente associados à vinculação. Por exemplo, Weiss (1982) mencionou que os comportamentos de vinculação na infância se caracterizam pela procura de proximidade, sinais de conforto e segurança na presença da figura de vinculação e, pelo protesto de separação, ou seja, quando existe uma ameaça ou separação do prestador de cuidados a criança manifesta mal-estar e tenta a reaproximação. Desta forma, o papel da exploração do bebé pelo conforto da vinculação à mãe, é de enorme interesse. Guedeney e Guedeney (2004) salientaram o fato de existirem sistemas que definem a vinculação, sendo que um deles é o sistema exploratório. Este sistema diz respeito à curiosidade e ao domínio, os quais tornam possível a ativação e desativação da vinculação através de sinais contraditórios. Neste sentido, o sistema exploratório, normalmente descrito em função da exploração do espaço e dos objectos envolventes por parte da criança, pode configurar igualmente um estilo cognitivo que se poderá prolongar durante a idade adulta.

É importante referir que Ainsworth (1978), na sua descrição dos vários tipos de vinculação - *Inseguro evitante*, *Seguro* e *Inseguro-Ansioso* – também reforça a ideia da exploração do meio ambiente, tendo em conta o tipo de vinculação em que a criança está

inserida. No tipo *inseguro evitante* a criança separa-se da mãe com o intuito de explorar o meio ambiente independente dela; na vinculação *segura*, ao contrário do estilo anterior, a mãe serve como uma base segura para a exploração do meio; e no tipo *Inseguro ansioso* ocorre uma baixa exploração do ambiente, pois as situações e as pessoas estranhas provocam receio na criança. Deste modo a criança manifesta uma certa dificuldade em se isolar, necessitando sempre de contato com a mãe antes de separação.

As experiências relacionais construídas com a figura de vinculação resultam em representações perceptivas com impacto no funcionamento mental e no modelo interno da vinculação (Canavarro, 199). Assim, estes modelos internos dinâmicos têm de conseguir acomodar novas informações relacionadas com o próprio indivíduo e com os outros em resposta às mudanças circunstanciais, pois só assim são capazes de continuar funcionais ao longo do desenvolvimento e idade adulta. Desta forma, a estabilidade dos modelos internos dinâmicos é crucial para a compreensão da continuidade do desenvolvimento da personalidade, devendo manter-se flexíveis e disponíveis para a mudança (Monteiro, 2009). Neste sentido, a vinculação ganha uma reconceptualização em termos de modelos internos dinâmicos e da sua avaliação em torno da organização que integra a linguagem e passa a ser vista a partir do domínio representacional, deixando de lado o domínio comportamental (Soares, 2009).

Predisposição para correr riscos, confiança em si mesmo, tolerância à ambiguidade, coragem para expressar novas ideias, perseverança diante de obstáculos e também um certo grau de auto-estima constituem um conjunto de traços de personalidade presentes em pessoas criativas (Sternberg, 1991). Deste modo, e uma vez que a criatividade é estimulada por ambiente familiares que proporcionam um equilíbrio entre independência, auto-expressão e tomada de riscos em ambiente seguros; sublinha-se a importância destes ambientes na tolerância à novidade, na valorização da variabilidade e no apoio para a tomada de decisão (Lim & Smith (2008).

Perante isto, e para a concretização deste estudo exploratório, coloca-se a hipótese de que a vinculação é determinante para o desenvolvimento das características individuais que estão na base da criatividade, existindo uma relação entre estas duas variáveis. Em particular, espera-se que uma vinculação segura esteja relacionada com uma maior exploração do meio e com níveis elevados de criatividade. É ainda provável que a vinculação apenas tenha impacto em algumas dimensões do comportamento criativo. No entanto, sendo este um estudo

inovador, e não existindo qualquer base na literatura que nos permita entrar em maior detalhe, não colocamos qualquer hipótese relativa a este aspecto.

Parte II

Estudo Empírico

Capítulo 4

Método

Método

4.1. Participantes

No presente estudo utilizou-se o método de amostragem por conveniência. A amostra foi recolhida entre trabalhadores de duas instituições da Grande Lisboa, trabalhadores de uma instituição na zona de Sintra e alguns indivíduos na comunidade. O protocolo foi aplicado por via presencial.

A amostra é constituída por 151 indivíduos, sendo 133 participantes do sexo masculino (88.08%) e 18 do sexo feminino (11.92%), com idades compreendidas entre 18 e os 61 anos, com uma média de idades de 43.43 anos e desvio padrão de 9.28. No que diz respeito ao estado civil, 28 participantes eram solteiros (18.54%), 109 eram casados ou viviam em união de facto (72.19%) e 14 eram divorciados ou separados (9.27%). Quanto à nacionalidade, registaram-se 149 participantes portugueses (98.68%), um participante de nacionalidade brasileira (0.66%) e outro de nacionalidade angolana (0.66%). Por fim, quanto ao nível de escolaridade, a amostra evidenciou uma distribuição compreendida entre o ensino básico (ensino primário) e o ensino superior, nomeadamente: 2 participantes com o ensino primário (1.32%), 24 com o ensino preparatório (15.89%), 98 com o ensino secundário (64.90%), 17 com o ensino médio (11.26%) e, por fim, 10 participantes com o ensino superior (6.62%) (ver tabela 1).

Tabela 1

Características Sociodemográficos da Amostra

	N	%	M	DP
Sexo				
Masculino	133	88.08		
Feminino	18	11.92		
Idade			43.43	9.28
Estado Civil				
Solteiro	28	18.54		
Casado/União de Facto	109	72.19		
Separado/Divorciado	14	9.27		
Nacionalidade				

Portuguesa	149	98.68
Brasileira	1	0.66
Angolana	1	0.66
Nível de Escolaridade		
Ensino Primário	2	1.32
Ensino Preparatório	24	15.89
Ensino Secundário	98	64.90
Ensino Médio	17	11.26
Ensino Superior	10	6.62
Total	151	100

4.2. Instrumentos e Medidas

Para a concretização deste estudo foi criado um protocolo constituído por um consentimento informado (*cf.* Apêndice I), um questionário de dados sociodemográficos (*cf.* Apêndice II), pela escala Escala de Vinculação no Adulto (EVA; Canavarro, 1997; Versão Portuguesa da AdultAttachment Scale-R; Collins&Read, 1990) (*cf.* Anexo I) e pelo teste figurativo *Test for Creative Thinking- DrawingProduction* (TCT-DP; Jellen&Urban, 1985) (*cf.* Anexo II).

4.2.1. Consentimento Informado

A primeira folha do protocolo constitui-o o consentimento informado (Apêndice I) onde é mencionado o objectivo da investigação, o que o estudo pretendia dos participantes, tempo de aplicação, bem como as condições de confidencialidade.

4.2.2. Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico foi criado com o propósito de obter informações relativas ao participante. As questões deste questionário incidem sobre o sexo do participante, a idade, a nacionalidade, o estado civil, as habilitações literárias, a situação profissional, o número de filhos, o agregado familiar e a ocupação dos tempos livres.

4.2.3. Escala de Vinculação no Adulto (EVA, M. C. Canavarro, 1997; Versão Portuguesa da Adult Attachment Scale-R; Collins & Read, 1990)

Para avaliar as relações de vinculação no adulto foi utilizada a Escala de Vinculação no Adulto (EVA; Canavarro, 1997).

Na sua versão original, a *Adult Attachment Scale-R* foi construída e revista em 1990 por Collins e Read, de forma a complementar o instrumento de Hazan e Shaver (1987) que continha apenas três itens. Após tradução e criação de normas da escala para a população portuguesa feita por Canavarro em 1997, esta escala obteve o nome de *Escala de vinculação no Adulto* (EVA) e é constituída por 18 itens que quantificam o tipo de relação afetiva estabelecida. Cada item é respondido e pontuado numa escala tipo Likert, que varia entre 1 e 5, em que o 1 significa “nada característico em mim” e o 5 “extremamente característico em mim”. A escala divide-se em três dimensões, com a finalidade de identificar os três padrões de vinculação do adulto, conhecidos como seguro, evitante e ansioso. Cada dimensão é composta por 6 itens. A *Ansiedade* é composta pelos itens 3, 4, 9, 10, 11 e 15 que avaliam o grau de ansiedade sentido pelo sujeito, está relacionada com as questões interpessoais de medo de abandono ou de não ser bem querido; o *Conforto com Proximidade* é composto pelos itens 1, 6, 8, 12, 13 e 14, que faz uma avaliação do grau de estabelecimento a relação de proximidade ou intimidade; e a última dimensão tem por nome *Confiança nos outros* (constituída pelos itens 2, 5, 7, 16, 17 e 18) e avalia o grau de confiança nos outros bem como a dependência em situações necessárias. Os itens 2, 7, 8, 13, 16, 17 e 18 apresentam-se sob a forma de itens invertidos.

Nos estudos psicométricos originais, os autores indicam que as três dimensões apresentam índices de razoável fiabilidade, mencionando valores de alfa de Cronbach de 0.69 para a dimensão segura; 0.75 para a dimensão evitante e 0.72 para a dimensão ansiedade.

Em 1997, Canavarro faz a os primeiros estudos psicométricos da *Escala de Vinculação no Adulto* (EVA) na população portuguesa, (Canavarro, Dias, & Lima;), sendo que esses estudos indicaram que a escala apresenta valores globais de alfa de Cronbach 0.74 e valores de coeficiente de Spearman-Brown de 0.732, revelando, deste modo, bons indicadores de fiabilidade e validade. Relativamente à estabilidade temporal do instrumento, o intervalo entre o teste e o reteste, correspondente a seis semanas, indicaram valores de $r=.65$, $p=.00$

O estudo da fidelidade deste trabalho foi realizado através do alfa de Cronbrach, indicando valores de 0.82 para a dimensão Ansiedade, de 0.56 para a dimensão conforto com a proximidade e 0.51 para a dimensão Confiança nos outros. Pelo facto de estas duas

dimensões apresentarem valores de alfa baixo, foi criada a subescala Conforto_Confiança, que reúne o Conforto com a Proximidade e a Confiança nos Outros, sendo que obteve o valor de alfa de 0.63.

4.2.4. *Test for Creative Thinking- Drawing Production* (TCT-DP, Jellen& Urban, 1985)

O nível de criatividade dos indivíduos foi avaliado através da forma A do teste figurativo *Test for Creative Thinking- Drawing Production* (TCT-DP) de Jellen&Urban, 1996 (direitos de autor cedidos a Sara Ibérico Nogueira).

Esta medida foi criada de maneira a que fosse possível avaliar a criatividade de forma não só holística e gestáltica mas também avaliar dimensões a nível cognitivo, a nível da personalidade, tais como a tendência que o sujeito tem para assumir riscos, afetividade, humor, quebra de fronteiras e limites.

Este instrumento permite uma avaliação fácil e rápida do potencial criativo do sujeito. O teste tem duas formas de aplicação: a forma A e a forma B. No entanto, para a população portuguesa, apenas é utilizada a forma A, uma vez que, segundo Almeida e Ibérico Nogueira (2008) verificaram que a aplicação da forma B, seguida da A, além de produzir cansaço e desmotivação nos participantes, não apresenta resultados significativos.

O TCT-DP apresenta-se sobre a forma de desenhos inacabados com alguns fragmentos de figuras. O que é pedido é que o indivíduo termine o desenho incompleto de forma livre e aberta, após a seguinte instrução: “À sua frente tem um desenho incompleto. O artista que o começou teve de o interromper antes de saber sequer o que iria desenhar. O que lhe é pedido é que continue o desenho incompleto. Pode fazer o que bem entender. Nada do que desenhar está errado, tudo o que fizer no papel está correto.” O teste é quantificado por 14 critérios de avaliação: 1º Continuações (Cn) - qualquer continuação, extensão ou uso dos seis fragmentos apresentados; 2º Completações (Cm) - qualquer complemento, ampliação, adição ou suplemento dado aos fragmentos dados, usados, ou continuados; 3º Novos Elementos (Ne) - qualquer nova figura, elemento ou símbolo; 4º Ligações feitas com Linhas (Cl) - conexões entre qualquer dos fragmentos e/ou novos elementos; 5º Ligações para um Tema (Cth) - conexões efectuadas que contribuem para a composição de um tema; 6º Quebra do Limite Dependente do Fragmento (Bfd) - qualquer uso, continuação ou extensão do pequeno quadrado situado dos limites da moldura ou grande quadrado; 7º Quebra do Limite Independente do Fragmento (Bfi) - qualquer rompimento ou continuação da figura, que

ultrapasse os limites da moldura ou grande quadrado; 8º Perspectiva (Pe) - qualquer tentativa de romper as duas dimensões com intenção de perspectiva; 9º Humor e afectividade (Hu) - qualquer resposta de humor, que sugira afeto, emoção ou um forte poder expressivo; 10º Não Convencionalidade A (UcA) - qualquer rotação ou manipulação da folha; 11º Não Convencionalidade B (UcB) - criação de elementos surrealistas, abstractos ou ficcionais; 12º Não Convencionalidade C (UcC) - qualquer uso de símbolos, sinais ou signos; 13º Não Convencionalidade D (UcD); utilização não-estereotipada ou não convencional dos fragmentos e 14º Velocidade (Sp) - tempo utilizado para a produção do desenho (Urban&Jellen, 1996)

Os critérios 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9 e 14 são cotados de 0 a 6 pontos, os critérios 6 e 7 são cotados com 0, 3 ou 6 pontos e os critérios 10, 11, 12 e 13 são cotados de 0 a 3. Importa referir que o critério 14 (Velocidade- Sp) só é cotado se até esta critério, o indivíduo, tiver reunido 25 pontos no mínimo. A cotação final resulta do somatório dos pontos que são atribuídos a cada critério, sendo o valor máximo de 72 pontos.

O TCT- DP encontra-se aferido para a população alemã. No entanto, Urban e Jellen (1996) consideram que estas normas podem ser aplicadas em qualquer país, independentemente da sua cultura ou nível socioeconómico dada à sua natureza intercultural. As normas alemãs foram estabelecidas, através de um estudo realizado entre 1988 e 1993 por estes autores, no qual participaram 2519 indivíduos, em que 51.05% eram do género masculino e 48.95% do género feminino, alcançando uma média total de 24 e um desvio-padrão de 9.19. Na análise das qualidades psicométricas, obtiveram valores de fiabilidade entre 0.89 e 0.97, demonstrando correlações elevadas. A análise fatorial do instrumento foi realizada sobre uma amostra de 1100 indivíduos húngaros, onde foram utilizadas as duas formas, A e B. Constatou-se uma elevada correlação entre as duas formas e foram encontrados seis fatores distintos. O fator I diz respeito à utilização de fragmentos diretos, o fator II corresponde à composição e ligações efetuadas por linhas ou que contêm um tema, o fator III é composto pelos critérios Perspetiva e Velocidade também nas duas formas, o fator IV é composto pelos critérios Não Convencional (A, B, C e D) e Humor da forma A, o fator V pelos critérios Não Convencional (A, B, C e D) e Humor da forma B e o fator VI é composto pelo critério Novos Elementos e corresponde também a elementos dentro e fora do espaço do desenho, sendo eles os critérios Quebra do Limite Dependente e Quebra do Limite Independente, nas duas formas.

Relativamente à validade do teste, uma vez que não existem outros instrumentos diretamente comparáveis, é difícil fazer uma referência sobre esta qualidade psicométrica.

O TCT-DP não se encontra aferido para a população portuguesa, no entanto, Almeida e Ibérico Nogueira, em 2010, realizaram um estudo, onde aplicaram as duas formas a uma amostra de 169 indivíduos, em que 69 eram do género masculino (40.83%) e 100 do género feminino (59.17%) com idades compreendidas entre os 18 e os 66 anos. Os resultados evidenciaram uma correlação forte e positiva (0.78) entre as formas A e B. A análise fatorial, apresentou um valor de KMO =0.77 para a forma A e um valor de KMO =0.77 para a forma B. Desta forma, foram encontrados cinco fatores para a forma A, que explicavam 68.63% da variância total e quatro fatores para a forma B que explicavam 60.99% do total da variância. A análise efectuada demonstrou uma boa consistência interna com valores de Alfa de Cronbach de 0.82 para a forma A e 0.80 para a forma B.

Em 2008 Almeida e Ibérico Nogueira realizaram já tinham realizado um estudo com uma amostra de 431 indivíduos, onde 188 eram do género masculino e 243 do género feminino, com idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos de idade (M=13.7; DP= 1.59). Na análise factorial foram encontrados seis factores que explicam 66.6% da variância total (KMO=0.68).

Um outro estudo realizado por Almeida, Ibérico Nogueira e Urban (2008), onde participaram 646 indivíduos sendo que 262 eram do género masculino (40.55%) e 384 do género feminino (59.44%) com idades compreendidas entre os 18 e os 64 anos, revelou uma boa consistência interna. A análise fatorial evidenciou que a forma A obteve um valor de KMO=0.78 e a forma B um valor de KMO=0.77. Ambas as formas revelaram bons valores de α de Cronbach, .80 para a forma A e .78 para a forma B. Para a forma A foram encontrados quatro fatores que explicam 60.54% da variância total e para a forma B foram igualmente encontrados quatro fatores que explicam 60.09% da variância total. Os estudos acima referidos obtiveram resultados que não coincidem com outros realizados com amostras portuguesas, indicando que este instrumento é sensível não só a nível cultural como de desenvolvimento.

4.3. Procedimento

Feita a escolha do tema a estudar, realizou-se a criação de pedidos de autorização para serem entregues nas instituições de recolha da amostra. Face a uma resposta positiva por parte dos membros superiores das instituições, procedeu-se à digitalização dos documentos e

colocados em anexo. Seguidamente criou-se um protocolo, devidamente constituído por um consentimento informado e pelas medidas a serem estudadas; sendo que depois foram tiradas cópias de um protocolo para cada participante.

O passo seguinte foi a distribuição dos protocolos, efetuada presencialmente em cada instituição e a cada participante. Aquando a realização do questionário, os participantes foram informados do objetivo da investigação, assim como do seu anonimato, confidencialidade e possibilidade de desistência ao longo de todo o preenchimento do mesmo, caso sentisses algum constrangimento ou desconforto com as questões colocadas, procedeu-se, de seguida, à sua aplicação. Foi pedido aos participantes que respondessem ao questionário de forma sincera. O questionário demorou em média 20 minutos a ser preenchido.

Depois de recolhidos os dados na totalidade, estes foram tratados e analisados estatisticamente através do programa *SPSS* (StatisticPackage for the Social Sciences), versão 20 IBM, para *Windows*.

Capítulo 5

Resultados

Resultados

5.1. Tratamento Estatístico – Regressão Linear entre Variáveis

Tabela 2. Coeficientes de regressão estandardizados e não estandardizados para a regressão das dimensões da EVA em função dos critérios 1, 2, 3, 4 e 5 do TCT-DP

	Coeficientes não estandardizados		Coeficientes estandardizados	t	Sig.
	B	Erro padrão			
Continuações					
Constante	2.42	1.02		2.36	0.02
Ansiedade	0.17	0.16	0.10	1.02	0.31
Confiança_Outros	0.35	0.31	0.16	1.12	0.27
Conforto_Confiança	0.24	0.37	0.09	0.64	0.52
R ² = 0.05; R ² ajustado = 0.02; F= 2.188; p=.09					
Completações					
Constante	1.44	1.96		0.74	0.46
Ansiedade	-0.08	0.31	-0.02	-0.25	0.80
Confiança_Outros	-0.10	0.59	-0.03	-0.17	0.86
Conforto_Confiança	0.60	0.71	0.12	0.84	0.40
R ² = 0.01; R ² ajustado = - 0.01; F=0.625 ; p=.60					
Novos Elementos					
Constante	1.47	1.34		1.09	0.28
Ansiedade	-0.14	0.22	-0.06	0.64	0.52
Confiança_Outros	-0.54	0.40	-0.20	0.35	0.18
Conforto_Confiança	0.37	0.48	-0.11	0.76	0.45
R ² = 0.01; R ² ajustado = -0.01; F=0.676; p=.57					
Ligações com linhas					
Constante	-0.41	1.75		-0.24	0.81
Ansiedade	0.06	0.28	0.02	0.20	0.84
Confiança_Outros	-0.07	0.53	-0.02	-0.14	0.89
Conforto_Confiança	0.49	0.49	0.11	0.76	0.44
R ² = 0.01; R ² ajustado = -0.01; F= 0.383; p=.77					
Conexões que contribuem para um tema					
Constante	0.51	2.07		0.25	0.81
Ansiedade	0.08	0.33	0.22	0.23	0.82
Confiança_Outros	-0.45	0.62	-0.11	-0.71	0.48
Conforto_Confiança	0.62	0.75	0.12	0.83	0.41
R ² = 0.01; R ² ajustado = 0.01; F= 0.247; p=.86					

Os resultados demonstram que a regressão dos critérios continuações, completações, novos elementos, ligações com linhas e conexões que contribuem para um tema do TCT-DP com as dimensões da EVA não se encontra estatisticamente significativa.

Tabela 3. Coeficientes de regressão estandardizados e não estandardizados para a regressão das dimensões da EVA em função dos critérios 6 e 7 do TCT-DP

	Coeficientes não estandardizados	Coeficientes estandardizados		t	Sig.
	B	Erro padrão	Beta		
Quebra do Limite Dependente					
Constante	-1.06	2.58		-0.41	0.68
Ansiedade	0.28	0.41	0.06	0.66	0.51
Confiança_Outros	1.48	0.78	0.28	1.90	0.06
Conforto_Confiança	-0.81	0.93	-0.12	-0.87	0.39
R ² = 0.03; R ² ajustado = 0.01; F= 1.475; <i>p</i> =.22					
Quebra do Limite Independente					
Constante	0.04	1.38		0.03	0.98
Ansiedade	-0.08	0.22	-0.03	-0.36	0.72
Confiança_Outros	0.09	0.42	0.03	0.21	0.83
Conforto_Confiança	0.07	0.50	0.02	0.15	0.88
R ² = 0.01; R ² ajustado = -0.01; F = 0.250; <i>p</i> =.86					

A análise revela não haver regressão estatisticamente significativa para os critérios Quebra do Limite Dependente e Quebra do Limite Independente com as dimensões Ansiedade, Confiança nos Outros e Conforto-Confiança. No entanto, importa sublinhar que o critério Quebra do Limite Dependente mostra um valor tendencialmente significativo (0.06) quando relacionado com a dimensão Confiança nos Outros.

Tabela 4. Coeficientes de regressão estandardizados e não estandardizados para a regressão das dimensões da EVA em função dos critérios 8, 9 e 14 do TCT-DP

	Coeficientes não estandardizados		Coeficientes estandardizados	t	Sig.
	B	Erro padrão	Beta		
Perspectiva					
Constante	1.41	0.57		2.46	0.02
Ansiedade	-0.15	0.09	-0.15	-1.61	0.11

Confiança_Outros	-0.19	0.17	-0.16	-1.10	0.27
Conforto_Confiança	-0.10	0.21	-0.07	-0.47	0.64
$R^2 = 0.38$; $R^2_{ajustado} = 0.18$; $F = 1.849$; $p = .14$					
Humor					
Constante	0.65	0.98		0.66	0.51
Ansiedade	-0.20	0.16	-0.12	-1.29	0.20
Confiança_Outros	-0.39	0.30	-0.19	-1.30	0.20
Conforto_Confiança	0.37	0.36	0.15	-1.04	0.30
$R^2 = 0.02$; $R^2_{ajustado} = 0.00$ $F = 1.071$; $p = .36$					
Velocidade					
Constante	-0.19	1.15		-0.16	0.87
Ansiedade	-0.16	0.19	-0.08	-0.87	0.39
Confiança_Outros	-0.37	0.35	-0.16	-1.07	0.29
Conforto_Confiança	0.63	0.42	-0.22	1.50	0.14
$R^2 = 0.02$; $R^2_{ajustado} = 0.01$; $F = 1.318$; $p = .27$					

Nesta análise verificou-se não haver significância estatística na regressão entre os itens 8, 9 e 10 do TCT-DP com as dimensões Ansiedade, Confiança nos Outros e Conforto_Confiança da EVA

Tabela 5. Coeficientes de regressão estandardizados e não estandardizados para a regressão das dimensões da EVA em função dos critérios 10, 11, 12 e 13 do TCT-DP

	Coeficientes não estandardizados		Coeficientes estandardizados	t	Sig.
	B	Erro padrão	Beta		
Não Convencional A					
Constante	0.06	0.35		0.16	0.87
Eva_Ansiedade	-0.05	0.06	-0.08	-0.80	0.42
Eva_Confiança_Outros	-0.02	0.11	-0.03	-0.21	0.84
Eva_Conforto_Confiança	0.05	0.13	0.05	0.37	0.72
R ² = 0.01; R ² ajustado = -0.01; F= 0.407; p=.75					
Não Convencional B					
Constante	0.31	0.43		0.71	0.48
Eva_Ansiedade	-0.05	0.07	-0.07	-0.71	0.48
Eva_Confiança_Outros	-0.04	0.13	-0.05	-0.31	0.75
Eva_Conforto_Confiança	-0.00	0.16	-0.00	-0.01	0.99
R ² = 0.00; R ² ajustado = -0.01; F= 0.183; p=.91					
Não Convencional C					
Constante	-0.29	1.26		-0.23	0.82
Eva_Ansiedade	0.11	0.20	0.05	0.52	0.61

Eva_Confiança_Outros	0.01	0.38	0.01	0.04	0.97
Eva_Conforto_Confiança	0.21	0.46	0.07	0.46	0.65
$R^2 = 0.00$; $R^2_{\text{ajustado}} = -0.01$; $F=0.202$; $p=.90$					
Não Convencional D					
Constante	0.22	0.54		0.41	0.69
Eva_Ansiedade	-0.14	0.09	-0.15	-1.59	0.11
Eva_Confiança_Outros	0.20	0.16	0.18	1.25	0.21
Eva_Conforto_Confiança	-0.12	0.20	-0.08	-0.59	0.55
$R^2 = 0.05$; $R^2_{\text{ajustado}} = 0.03$; $F= 2.505$; $p=0.62$					

Os resultados da regressão linear entre os critérios Não Convencional A, Não Convencional B, Não Convencional C e Não Convencional D e as dimensões da EVA demonstraram não haver valores estatisticamente significativos.

Capítulo 6

Discussão de Resultados

6.1. Discussão de resultados

O presente estudo, de carácter exploratório, teve como objetivo principal caracterizar os estilos de vinculação e a sua relação com os níveis de pensamento criativo.

Perante isto, colocou-se a hipótese de que a vinculação apresenta-se como uma fator determinante para o desenvolvimento das características individuais que estão na base da criatividade, existindo uma relação entre estas duas variáveis. Neste sentido, esperava-se que uma vinculação segura estivesse relacionada com uma maior exploração do meio e que consequentemente promovesse níveis mais elevados de criatividade. Considerámos também haver uma probabilidade de que a vinculação apenas tenha impacto em algumas dimensões do comportamento criativo.

Através de análise estatística, a partir de uma regressão linear simples, pretendemos perceber se havia a existência de uma relação entre a vinculação e a criatividade. No entanto, a análise mostrou não haver qualquer valor significativo, logo não existe ligação entre as duas variáveis em estudo, e assim podemos concluir que não se apoiam globalmente.

Sousa (1998) refere que dificilmente encontraremos um sujeito criativo que não demonstre persistência sobre os obstáculos, vontade de enfrentar riscos e de crescimento pessoal, que não revele tolerância à ambiguidade, ou até extrema abertura à experiência. Naturalmente, a criatividade está associada à exploração de novas ideias face a um problema.

Assim podemos concluir que o fato da criança ter uma relação segura poderá permitir e facilitar uma maior exploração de novas alternativas produzindo, deste modo, uma maior exploração da sua capacidade criativa

Contudo, importa referir o valor tendencialmente significativo na regressão entre a dimensão confiança nos outros da EVA e o critério quebra do limite dependente do TCT-DP. Este critério permite analisar e retirar informação relacionada com a decisão de risco e a quebra de fronteiras ou limites. Desta forma, constata-se que indivíduos com níveis de elevada confiança nos outros apresentam uma predisposição maior na tomada de decisões de risco, tal como se aventuram mais na exploração dos limites e fronteiras.

No entanto, sendo este um estudo inovador, e não existindo qualquer base na literatura que nos permita entrar em maior detalhe, este ponto parece ser promissor para o estudo da relação entre a vinculação e a criatividade.

Guedeney e Guedeney (2004) salientaram o fato de existirem sistemas que definem a vinculação, sendo que um deles é o sistema exploratório. Este sistema diz respeito à curiosidade e ao domínio, os quais tornam possível a ativação e desativação da vinculação através de sinais contraditórios. Neste sentido, o sistema exploratório, normalmente descrito em função da exploração do espaço e dos objectos envolventes por parte da criança, pode configurar igualmente um estilo cognitivo que se poderá prolongar durante a idade adulta. Posto isto, e o fato de não ter sido encontrado relação entre as duas variáveis em estudo, provavelmente será preciso estabelecer hipóteses mais específicas associadas às competências que estão na base da quebra de limites e fronteiras.

Uma vez que a criatividade é estimulada por ambiente familiares que proporcionam um equilíbrio entre independência, auto-expressão e tomada de riscos em ambiente seguros, sublinha-se a importância destes ambientes na tolerância à novidade, na valorização da variabilidade e no apoio para a tomada de decisão (Lim & Smith (2008). Relacionando isto com a ideia da exploração do meio ambiente reforçada por Ainsworth (1978) tendo em conta o tipo de vinculação, na qual refere que no tipo *inseguro evitante* a criança separa-se da mãe com o intuito de explorar o meio ambiente independente dela; e que na vinculação *segura*, ao contrário do estilo anterior, a mãe serve como uma base segura para a exploração do meio; e no tipo *Inseguro ansioso* ocorre uma baixa exploração do ambiente, pois as situações e as pessoas estranhas provocam receio na criança, parece-nos relevante haver um maior número de estudos, no sentido de explorar mais as características que estão associadas à quebra de limites.

Pessoas criativas apresentam um conjunto de traços de personalidade, tais como, predisposição para correr riscos, confiança em si mesmo, tolerância à ambiguidade, coragem para expressar novas ideias, perseverança diante de obstáculos e também um certo grau de auto-estima (Sternberg, 1991), fatores que se constituem como fazendo parte de uma vinculação segura. Atendendo a estes fatos, existe uma necessidade de perceber quais as características que apoiam mais facilmente a relação entre a vinculação e a criatividade. Neste sentido, temos de pensar que características podem ser interpretadas como uma forma de exploração de espaço e ir mais além.

As hipóteses colocadas partem de um processo de inferência realizado sobre as competências associadas a cada uma das variáveis associadas, no entanto não existe uma base literária para o estudo realizado. Embora não exista um consenso do que se pode retirar, na realidade, da ligação entre as duas variáveis, pretende-se que se faça mais estudos ao nível do domínio da exploração nas duas áreas referidas, vinculação e criatividade.

Conclusão

No adulto a vinculação apresenta-se como um aspeto estruturante do funcionamento individual, que não só determina a forma como nos relacionamos com os outros, como também pode influenciar em outro tipo de variáveis. Predisposição para correr riscos, confiança em si mesmo, tolerância à ambiguidade, coragem para expressar novas ideias, perseverança diante de obstáculos e um certo grau de auto-estima são variáveis que constituem traços de personalidade presentes em pessoas criativas (Sternberg, 1991) e que naturalmente podem ser influenciadas pelo tipo de vinculação estabelecida.

Deste modo e apesar de não haver literatura que tenha estudado a relação entre a criatividade e os estilos de vinculação, sugerimos uma associação entre estas duas variáveis. Considerando que a criatividade exige ao indivíduo que explore novas soluções face a um problema, pareceu-nos provável que a segurança com que esta exploração é feita seja determinada pelo estilo de vinculação.

De acordo com o objetivo principal que pretendia caracterizar os estilos de vinculação e a sua relação com os níveis de pensamento criativo pretendemos perceber mais especificamente se a vinculação é determinante para o desenvolvimento das características individuais que estão na base da criatividade, promovendo assim uma relação entre as duas variáveis. No entanto, os resultados estatísticos mostraram-se inconclusivos e apenas um valor se apresentou tendencialmente significativo, aquele que relaciona a confiança nos outros com o critério quebra do limite dependente (critério que permite analisar e retirar informação relacionada com a decisão de risco e a quebra de fronteiras ou limites), o que nos permite concluir que este ponto pode ser preditor da relação entre a vinculação e a criatividade. De fato este valor pode responder sensivelmente ao nosso objetivo específico que refere que uma vinculação segura possibilita uma maior exploração do meio e assim maior capacidade criativa, uma vez que existiu uma exploração do espaço.

Concluindo, e tendo em conta que os estudos feitos para a exploração desta temática são nulos, sugere-se a realização de mais investigações neste âmbito, de modo a descobrir características comuns às duas variáveis, vinculação e criatividade, que permitam encontrar uma relação entre elas.

Bibliografia

- Abreu, C. N. (2005). Teoria do Apego: Fundamentos, pesquisas e Implicações Clínicas. São Paulo. Casa do Psicólogo.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). Patterns of attachment: A psychological study of the SS. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Alencar, E., & Fleith, D. (2003). Contribuições Teóricas Recentes ao Estudo da Criatividade. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Brasília. Vol. 19 n. 1, p. 1-8.
- Amabile, T. (1983). Social psychology of creative. New York: Springer – Verlag.
- Amabile, T. (1996). Creativity in context. Boulder, CO: Westview Press.
- Bahia, S., & Ibérico Nogueira, S. (2005). Entre a Teoria e a Prática da Criatividade. O que sabemos e ainda não sabemos sobre criatividade. Lisboa: Relógio D'Água Editora.
- Bahia, S. (2008). Promoção de Ethos criativos. In M. F. Moraes & S. Bahia (Coord.), Criatividade: conceito, necessidades e intervenção, (1ª ed., pp. 229-252). Braga: Psiquilíbrios Edições
- Bowlby, J. (1958). The nature of child's ties to his mother. International Journal of Psychoanalysis, 39, pp. 350-373.
- Bowlby, J. (1990). Apego: Vol. 1. Apego e Perda. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1969)
- Bowlby, J. (1990a). Formação e rompimento dos laços afetivos. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1979).
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. Developmental Psychology, 28, pp. 759-775
- Canavarro, M. (1999). Relações Afectivas e Saúde Mentas. Quarteto
- Canavarro, M. (2001). Psicologia da Gravidez e da Maternidade. Coimbra. Quarteto

Canavarro, M. C., Dias, P., Lima, V. (2006). A Avaliação da Vinculação do Adulto: Uma Revisão Crítica a Propósito da Aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na População Portuguesa. Departamento de Psicologia, Universidade do Minho.

Cassidy, J. (1999). The nature of the child's ties. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 3-20). NY: Guilford Press

Csikszentmihalyi, M. (1998). *Creatividad: El fluir y la psicología del descubrimiento y la invención*. Barcelona: Paidós.

Csikszentmihalyi, M. (2004). "Implications of a Systems Perspective for the Study of Creativity", in *Handbook of Creativity*, ed.

Di Nizzo, R. (2009). *Foco e Criatividade. Fazer mais com menos*. São Paulo: Summos Editorial.

Fonseca, A. Fernandes da (1990). *Psicologia da Criatividade*. Lisboa: Escher Publicações.

Freitas-Magalhães (2003). *Psicologia da Criatividade : estudo sobre o desenvolvimento da expressão criadora da criança*. 7ª Edição. ISCE.

Gardner, H. (1993). *Creating minds: An anatomy of creativity*. New York: Basic Books.

Guedeney, N. & Guedeney, A. (2004). *Vinculação: Conceitos e Aplicações*. 1ª Edição, Lisboa. Climepsi Editores.

Guilford, J.P. (1950). Creativity. *American Psychologist*, 5(9), 444-454.

Hazan, C., Shaver, P. (1987). Romantic Love Conceptualized as an Attachment Process. University of Denver, American Psychological Association. *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 52, No. 3, 511-524

Lim, S., & Smith, J. (2008). The structural relationships of parenting style, creativity personality, and loneliness. *Creativity Research Journal*, 20, 412-419.

Ludwig, A. M. (1995). *The price of greatness*. New York: Guilford Press. p. 11

Monteiro, I. M. S. (2009) O Contributo das Experiências Familiares, Vinculação e Apoio Social para a Depressão no Adulto Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da Universidade do Minho para obtenção do grau de doutor, orientada por Professora Doutora Angela Maia, Minho. Retirado: Setembro, 13, 2013 de <http://www.repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10872>

Ogawa, J. R., Sroufe, L. A., Weinfield, N. S., Carlson, E. A., & Egeland, B. (1997). Development and the Fragmented Self: Longitudinal Study of Dissociative Symptomatology in a Nonclinical Sample. *Development and Psychopathology*, 9, 855-879.

Oliveira, R. A. (2000) Do vínculo às relações sociais: Aspectos psicodinâmicos. Universidade de Évora, Departamento de Pedagogia e Educação. Évora, *Análise Psicológica*, 2 (XVIII): 157-170.

Pereira, M. (1996). Criatividade: um conceito irredutível à investigação psicológica?. *Revista portuguesa de Pedagogia*

Rouquette, M. (1973). A Criatividade. Edições livros do Brasil. Coleção vida e cultura.

Salvaterra, M. F. (2011). Vinculação e adopção. Lisboa: Edições Lusófonas.

Simonton, D. K. (1988). Creativity, leadership, and chance. In R. J. Sternberg (Ed.) *The Nature of Creativity: contemporary psychological perspectives* (1st ed., pp. 386-426). New York: Cambridge University Press.

Soares, I. (1996). Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência: Estudo Intergeracional. Braga: Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho.

Soares, I. (2009). Relação de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação. 2ª edição, Braga: Psiquilibrios. (Original publicado em 2007).

Sousa, F. (1998). A criatividade como disciplina científica. Universidade de Santiago de Compostela. Edita: Servicio de Publicacións e Intercambio Científico. Campus Universitario Sur.

Sternberg, R., & Lubart, T. (1991). *An Investment Theory of Creativity and Its Development*. Yale University, New Haven, Conn., USA

Sternberg, R. J., & Lubart, T. I. (1996). Investing in Creativity. *American Psychologist*, 51, 677-688.

Suomi, S. J. (1999). Attachment in Rhesus Monkeys. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 173-190). NY: Guilford Press.

Taylor, Calvin W. (1976). *Criatividade: Progresso e Potencial*

Torrance, E.P. (1976). *Criatividade, testes e avaliações*. São Paulo: Ibrasa.

Vygotsky, L. S. (2012). *Imaginação e Criatividade na Infância : Ensaio de Psicologia*. Lisboa: Dinalivro

Weiss, R. (1982). Attachment in adult life. In C. Parkers, & J. Stevenson Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behaviour*. London: Tavistock Publications.

Urban, K. K. & Jellen, H. G. (1996) *Test for creative thinking – drawing production (TCT-DP) Manual*. Amsterdam: Harcourt Test Publishers.

Apêndices

Apêndice I- Pedido de autorização do Centro Social e Paroquial do Campo Grande

Pedido de Autorização

Exma. Direcção do Centro Social Paroquial do Campo Grande:

O meu nome é Vanessa Alexandra Guerreiro Ribeiro e, no âmbito do Mestrado de Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapia, estou a elaborar um estudo para a minha dissertação de final de Mestrado, pelo que venho por este meio pedir a sua autorização para efectuar o estudo dentro da sua Instituição (Centro Social Paroquial do Campo Grande).

O estudo tem por objectivo caracterizar os Estilos de Vinculação e sua relação com os níveis de Pensamento Criativo e será orientado pela Prof.ª Doutora Sara Ibérico Nogueira.

Para atingir o objectivo terei de aplicar o teste TCT- DP (Test for Creative Thinking- Drawing Production Jellen & Urban, 1985) e a escala EVA (Escala de Vinculação no Adulto M. C. Canavarro, 1995; Versão Portuguesa da Adult Attachment Scale-R; Collins & Read, 1990) com uma duração de aproximadamente 25 minutos.

Na aplicação do estudo será garantido todas as condições de confidencialidade, salvaguardando todos os dados, não sendo ninguém identificado.

Com os melhores cumprimentos.

Vanessa Ribeiro

Eu, Sara Ibérico Nogueira, autorizo que se efectue o estudo no Centro Social e Paroquial do Campo Grande.

Vanessa Alexandra Guerreiro Ribeiro

Vanessa Alexandra Guerreiro Ribeiro

Sara Ibérico Nogueira

Prof.ª Doutora Sara Ibérico Nogueira

Apêndice II- Pedido de autorização da Associação de Pais e Amigos de Deficientes Profundos

Pedido de Autorização
<p>Exma. Direcção da Associação de Pais e Amigos de Deficientes Profundos (APADP):</p> <p>O meu nome é Vanessa Alexandra Guerreiro Ribeiro e, no âmbito do Mestrado de Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapia, estou a elaborar um estudo para a minha dissertação de final de Mestrado, pelo que venho por este meio pedir a sua autorização para efectuar o estudo dentro da sua Instituição (Associação de Pais e Amigos de Deficientes Profundos).</p> <p>O estudo tem por objectivo caracterizar os Estilos de Vinculação e sua relação com os níveis de Pensamento Criativo e será orientado pela Prof.ª Doutora Sara Ibérico Nogueira.</p> <p>Para atingir o objectivo terei de aplicar o teste TCT- DP (Test for Creative Thinking- Drawing Production Jellen & Urban, 1985) e a escala EVA (Escala de Vinculação no Adulto M. C. Canavarro, 1995; Versão Portuguesa da Adult Attachment Scale-R; Collins & Read, 1990) com uma duração de aproximadamente 25 minutos.</p> <p>Na aplicação do estudo será garantido todas as condições de confidencialidade, salvaguardando todos os dados, não sendo ninguém identificado.</p> <p>Com os melhores cumprimentos.</p> <p>Vanessa Ribeiro</p> <p>Eu, <u>Lúcia de tentos</u>, autorizo que se efectue o estudo na Associação de Pais e Amigos de Deficientes Profundos.</p>

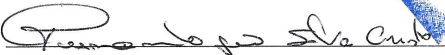
Vanessa Alexandra Guerreiro Ribeiro

Vanessa Alexandra Guerreiro Ribeiro

Sara Ibérico Nogueira

Prof.ª Doutora Sara Ibérico Nogueira

Apêndice III- Pedido de autorização ao Gabinete de Maquinistas da Linha de Cascais (Estação de Cais do Sodré)

Pedido de Autorização
<p>Exmo. Sr. Inspector-chefe de Condução de Ferrovia da Linha de Cascais :</p> <p>O meu nome é Vanessa Alexandra Guerreiro Ribeiro e, no âmbito do Mestrado de Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapia, estou a elaborar um estudo para a minha dissertação de final de Mestrado, pelo que venho por este meio pedir a sua autorização para efectuar o estudo no Gabinete de Maquinistas da Linha de Cascais (Estação de Cais do Sodré).</p> <p>O estudo tem por objectivo caracterizar os Estilos de Vinculação e sua relação com os níveis de Pensamento Criativo e será orientado pela Prof.ª Doutora Sara Ibérico Nogueira.</p> <p>Para atingir o objectivo terei de aplicar o teste TCT- DP (Test for Creative Thinking- Drawing Production Jellen & Urban, 1985) e a escala EVA (Escala de Vinculação no Adulto M. C. Canavarro, 1995; Versão Portuguesa da Adult Attachment Scale-R; Collins & Read, 1990) com uma duração de aproximadamente 25 minutos.</p> <p>Na aplicação do estudo será garantido todas as condições de confidencialidade, salvaguardando todos os dados, não sendo ninguém identificado.</p> <p>Com os melhores cumprimentos.</p> <p>Vanessa Ribeiro</p> <p style="text-align: right;">O Chefe do Depósito de Tracção Cais do Sodré</p> <p>Eu, <u></u> <u>Fernando Cristo</u>, autorizo que se efectue o estudo no Gabinete de Maquinistas da Linha de Cascais (Estação do Cais do Sodré).</p>

Vanessa Alexandra Guerreiro Ribeiro

Vanessa Alexandra Guerreiro Ribeiro

Sara Ibérico Nogueira

Prof.ª Doutora Sara Ibérico Nogueira

Apêndice IV- Consentimento

Consentimento Informado

Caro(a) Participante:

Eu, Vanessa Alexandra Guerreiro Ribeiro, aluna do último ano de Mestrado em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapias da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias venho pedir a sua colaboração para participar num estudo que me permite concluir a minha dissertação de mestrado.

O presente estudo tem por objectivo caracterizar alguns estilos de Vinculação e certas facetas do pensamento criativo e para isso será necessário aplicar a prova figurativa TCT- DP (Test for Creative Thinking- Drawing Production; Jellen & Urban, 1985) e a escala EVA2 (Escala de Vinculação do Adulto - Adult Attachment Scale-R; Collins e Read, 1990), que terão uma duração de aproximadamente 25 min, não existindo respostas certas ou erradas.

A sua participação, naturalmente voluntária, é também totalmente anónima.

Será assegurada total confidencialidade e poderá desistir, se assim o entender, a qualquer momento.

Se tiver alguma dúvida, não hesite em colocá-la, pois será esclarecida no momento.

Agradeço a sua colaboração.

Vanessa Ribeiro

Apêndice V- Questionário Sócio-demográfico

Questionário Sócio-demográfico

1. Idade ____
2. Género: M
F
3. Nacionalidade: _____
4. Estado Civil: Solteiro(a)
Casado (a) ou em união de facto
Divorciado (a) ou Separado (a)
Viúvo (a)
5. Nível de Escolaridade:
Não andou na escola
Escola Primária (antiga 4ª classe)
Ensino Preparatório (antigo 5º ano liceal ou técnico)
Ensino Secundário (12º ano ou equivalente)
Ensino Médio (curso Profissional)
Ensino Superior
6. Situação Profissional: Empregado (a) Qual a profissão? _____
Desempregado (a)
7. Tem filhos?
Sim
Não
7.1. Se sim, quantos tem? _____
7.2. Por favor indique o sexo e idade de cada um: _____
8. Agregado familiar (com quem vive): _____
9. Ocupação de Tempos Livres:
Leitura Convívio social
Cinema Passeios
Televisão Viagens
Desporto Internet
Outros Quais ? _____

Obrigada pela sua participação!

Anexos

Anexo I - EVA (Escala de Vinculação no Adulto M. C. Canavarro, 1995; Versão Portuguesa da Adult Attachment Scale-R; Collins& Read, 1990)

Escala de Vinculação do Adulto

EVA - M.C. Canavarro, 1995; Versão Portuguesa da *Adult Attachment Scale-R*; Collins & Read, 1990

Por favor leia com atenção cada uma das afirmações que se seguem e assinale o grau em que cada uma descreve a forma como se sente em relação às relações afectivas que estabelece. Pense em todas as relações (passadas e presentes) e responda de acordo com o que geralmente sente. Se nunca esteve afectivamente envolvido com um parceiro, responda de acordo com o que pensa que sentiria nesse tipo de situação.

	Nada característico em mim	Pouco característico em mim	Característico em mim	Muito característico em mim	Extremamente característico em mim
1. Estabeleço, com facilidade, relações com as pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Tenho dificuldade em sentir-me dependente dos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Costumo preocupar-me com a possibilidade dos meus parceiros não gostarem verdadeiramente de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. As outras pessoas não se aproximam de mim tanto quanto eu gostaria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Sinto-me bem dependendo dos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. <u>Não</u> me preocupo pelo facto das pessoas se aproximarem muito de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Acho que as pessoas <u>nunca</u> estão presentes quando são necessárias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Sinto-me de alguma forma <u>desconfortável</u> quando me aproximo das pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Preocupo-me frequentemente com a possibilidade dos meus parceiros me deixarem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Quando mostro os meus sentimentos, tenho medo que os outros não sintam o mesmo por mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Pergunto frequentemente a mim mesmo se os meus parceiros realmente se importam comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Sinto-me bem quando me relaciono de forma próxima com outras pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Fico <u>incomodado</u> quando alguém se aproxima emocionalmente de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Quando precisar, sinto que posso contar com as pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Quero aproximar-me das pessoas mas tenho medo de ser magoado(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Acho difícil confiar completamente nos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Os meus parceiros desejam frequentemente que eu esteja mais próximo deles do que eu me sinto confortável em estar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Não tenho a certeza de poder contar com as pessoas quando precisar delas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo II - TCT- DP (Test for Creative Thinking- Drawing Production Jellen& Urban, 1985)

